

PQ

9697

M2214

T73

1865

OBRAS

DE

D. J. G. DE MAGALHAENS.

TOMO III.

TRAGEDIAS.

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1865.

TRAGEDIAS

ANTONIO JOSÉ, OLGIATO, E OTHELO

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.

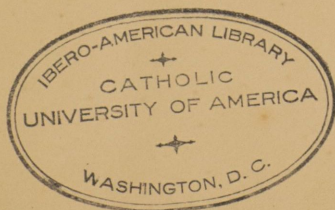


RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR N.º 69.

1865.



LIBRARY OF THE
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.

15197

1872

ANTONIO JOSÉ

OU

O POETA E A INQUISIÇÃO.

TRAGEDIA

EM CINCO ACTOS.

BREVE NOTICIA

SOBRE

ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Pelo esquecimento em que estão os nomes dos nossos illustres antepassados; o desleixo com que tratamos os poucos escriptores que nos dão gloria, e a completa ignorancia da nossa litteratura, sou forçado a dar aqui uma breve noticia do principal Personagem deste drama, para sua melhor intelligencia.*

* Isto foi escripto em 1839, quando talvez bem poucas pessoas no Brasil saberiam o nome de Antonio José da Silva, e qual a sua nacionalidade e sorte: e esta tragedia dêo motivo a que depois alguns litteratos nacionaes e estrangeiros se occupassem em recolher mais algumas noticias biographicas sobre esse tão infeliz como engenhoso poeta.

Antonio José da Silva nascêo no Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1705; seu pai, João Mendes da Silva, que exercia a profissão de advogado, o mandou estudar Direito na Universidade de Coímbra. Dahi, tendo-se já formado, partio para Lisboa, onde se estabeleceu, e começou a advogar, e a adquirir reputação e amizades.

Dotado de um genio nimamente comico e satyrico, dêo-se ás composições theatraes, desprezando todas as regras estabelecidas, e não attendendo senão ao estado do povo para quem escrevia. Em vão o Conde de Ericeira, então litterato de grande nota, e Legislador do parnaso luso, o aconselhava a imitar a Molière, como elle em tudo imitava, e seguia a Boileau, de quem traduzira em Portuguez a Arte Poetica. Antonio José ouvia os conselhos do seu nobre amigo, admirava Molière, mas seu genio era outro. Apesar de todos os seus defeitos, mereceu a denominação de Plauto Luso. Antonio José é o unico rival de Gil Vicente, e suas composições ainda hoje são applaudidas nos theatros de Lisboa; ellas correm impressas com o titulo de — Operas Portuguezas. A guerra de Alecrim e Mangerona, Dom Quixote, Labyrintho de Creta, e Esopo encerram scenas verdadeiramente comicas. D. Quixote foi

traduzido em Francez por Mr. Ferdinand Denis, Auctor de muitas obras estimaveis.

As particularidades de sua vida são ignoradas; mas do silencio da Historia se aproveita com vantagem a Poesia; e a imaginação suppre optimamente todas as omissões. O que se sabe positivamente é que elle foi queimado vivo na praça do Rocío, em Lisboa, em um Auto-da-Fé, em 1739, na idade de 34 annos, tendo sido accusado ao Sancto-Officio como Judêo.

Desejando encetar minha carreira dramatica por um assumpto nacional, nenhum me parecêo mais capaz de despertar as sympathias e as paixões tragicas do que este. As desgraças de um litterato, de um poeta, que concorrêo para gloria nacional, não podem deixar de excitar interesse e amor, ao menos no nosso Paiz; e tanto mais deve esta lição ser importante, quanto a miseria e o abandono é o fim de quasi todos os poetas portuguezes, e brasileiros. Queira o céo compadecer-se dos futuros engenhos, e animal-os nesta nobre empresa de civilização e de gloria nacional, apezar da ingratição e indifferença da quelles que podem, e devem favorecer os nascentes genios; que bem dice Camões:

O favor com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a Patria, não, que está mettida
 No gosto da cubiça!

Ainda hoje assim é!..

Digamos duas palavras sobre o successo desta obra na sua representação. Si devesse julgar do merito desta Tragedia pelos applausos que lhe prodigalisou o publico nas repetidas vezes que subio á scena, eu me acreditaria auctor feliz, exempto de censuras, attendendo ao enthusiasmo com que foi recebida, e os elogios que merecêo, particularmente o 5.º acto.

Tal acolhimento esteve bem longe dos meus presentimentos. Ou fosse pela escolha de um assumpto nacional, ou pela novidade da declamação e refórma da arte dramatica (substituindo a monótona cantilena com que os actores recitavam seus papeis, pelo novo methodo natural e expressivo, até então desconhecido entre nós), o publico mostrou-se attencioso, e recompensou as fadigas do poeta.

Mas eu sei o quanto perde a obra do enthusiasmo em uma leitura fria e desanimada; então adormecidas as paixões, pretende a razão critica penetrar e julgar, onde só ao sentimento é dado o decidir. Sei de mais o quanto é voluvel a opinião do

publico, e quão facil se esquece elle neste anno do que sentio e dice no anno passado.

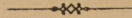
Frios censores, criticos impassiveis, juizes parciaes e imparciaes, amigos e inimigos, a vós me entrego.

Não faltarão accusações em todos os generos. Talvez tenham razão, sobre tudo si quizerem medir esta obra com o compasso de Aristoteles e de Horacio, ou vel-a com o prisma dos Romanticos. Eu não sigo nem o rigor dos Classicos, nem o desalinho dos segundos; não vendo verdade absoluta em nenhum dos systemas, faço as devidas concessões a ambos; ou antes, faço o que entendo, e o que posso. Isto digo eu aos que ao menos teem lido Shakespeare, e Racine; aos que tomam partido nestas questões hoje em moda em litteratura dramatica; aos que porêm, lêem cantando a Tragedia, com a mesma toada da Ode, e julgam do merito de um poema pelas pancadas retumbantes dos versos, que se encadeam como os sons do martello sobre a incude, dir-lhes-hei, que isto não é Soneto, nem versos de outeiros. Lembrarei sómente que esta é, si me não engano, a primeira Tragedia escripta por um Brasileiro, e unica de assumpto nacional. Humilmente peço aos meus criticos que me desculpem a

ousadia de compor uma Tragedia, quando elles dotados de maior genio e talento, não se animam a tanto. Si houver quem tenha bastante animo para dar de mão aos interesses positivos, e, esquecendo-se da satyra, seguir-me na árdua empresa de enriquecer a nossa pobre litteratura, apezar da vergonhosa indifferença com que se tratam hoje os litteratos; eu lhe desejo, além da gloria da perfeição, todos os nobres estimulos de que é credor o genio. Mas ah! na porta do templo da immortalidade está escripto para os Brasileiros estas palavras, como na porta do Inferno do Dante:

Lasciate ogni speranza, voi che'ntrate.

Maio de 1839.



ANTONIO JOSÉ

ou

O POETA E A INQUISIÇÃO.

Personagens.

Actores.

ANTONIO JOSÉ	João Caetano dos Sanctos.
MARIANNA	Estella Sezefreda.
FR. GIL, dominicano	Costa.
O CONDE DE ERICEIRA	Amaral.
LUCIA, criada de Marianna	Ricciolini.
Um criado do conde	Florindo.
Soldados e familiares do Sancto-officio.	

A scena é em Lisboa, em 1739.

Representada pela primeira vez no theatro da praça da Constituição do Rio de Janeiro, em 13 de Março de 1833, pelos Actores indicados.

O POETA E A INQUISIÇÃO.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

Vista de sala particular em casa de Marianna. De um lado uma commoda, sobre a qual estará um Oratorio feixado, cujo destino se indicará no segundo acto. Do lado opposto uma meza, e um candieiro antigo. Marianna assentada, com um papel na mão, como que estuda sua parte theatral. Lucia em pé, espivitando a luz.

MARIANNA E LUCIA.

MARIANNA.

Deixa-me, Lucia; deixa-me tranquilla;
Vai-te, deixa-me só . . . Repousar quero
Esta cabeça de fadigas tantas.
De mim terias pena, si soubesses
Que turbilhão de fogo me devora.
Sente tu mesma, toca. (Levando a mão de Lucia á cabeça.)

LUCIA.

Oh, como queima!
Parece um torno! . . . Que terrível febre!

Senhora, quer que eu faça alguma cousa?
Quer que eu chame o doctor?

MARIANNA.

Não; nada quero.
Sómente que me deixes, eu t'ó peço.

LUCIA.

Como a posso deixar em tal estado?
Fôra preciso um coração de pedra.
Não . . . agora me lembro . . . vou fazer-lhe
Um remedio caseiro; espere, eu volto. (Sai.)

SCENA II.

MARIANNA (só):

Pobre Lucia, que amor tu me consagras . . .
És quasi mãe, fiel, sincera amiga.
Quantas obrigações eu te não devo . . .
Oh! que aguda pontada! . .

SCENA III.

LUCIA (voltando com um copo na mão).

Aqui lhe trago
Um remedio bem simples, mas que cura;
É um pouquinho d'agua com vinagre.
Molha-se o lenço . . . assim . . . É cousa sancta;
Não tenha medo; applique-o sobre as fontes.
Ensinou-m'ó . . . quem mesmo? . . . nem me lembro.

MARIANNA.

Oh, que dôr! fez-me mal a frieldade.

LUCIA.

É sempre assim; daqui a pouco passa :
Mas tenha paciencia.

MARIANNA.

Estou mais calma ;
O calor se dissipa, e a dôr se abranda. (Pega no papel
para ler.)

LUCIA.

Deixe, Senhora, esse papel maldito.
Que praga! Forte teima de leitura!
Continuamente a ler! . . Nunca descança!
Eis ahi porque soffre . . não se queixe.
O mesmo ferro, quando muito o malham,
E a pedra quando a batem, ferem fogo,
Quanto mais a cabeça que é sensivel!
Isso é manía!

MARIANNA (Levantando-se).

Vê como é difficil
O trabalho da mente, e o quanto custa
Ter um nome no mundo! Emquanto dormes
No teu leito tranquilla, eu vélo, eu lucto.
A noite para ti traz o repouso,

E si o dia ao trabalho te convida,
Co' a paz no coração deixas o leito.
Teu diurno trabalho te não cança;
Co' a paz no coração ao leito voltas.
Mas eu, quando repouso? Ante um espelho,
Estudando paixões, compondo o corpo,
Mil expressões n'um' hora procurando,
Meus dias passo; — e tu douda me julgas
Quando me vês gritar, luctar, ferir-me,
E ás vezes investir-te delirante!
Durante a noite minha fronte escaldo
Juncto desta candeia, que me aclara,
Sua negra fumaça respirando,
Ou medindo o salão de um lado a outro
Sempre co' o meu papel diante os olhos,
Como um espectro do sepulcro erguido,
Em desalinho, pallida: e cem vezes
Primeiro a luz se apaga, que eu me deite.
Si busco o leito então, oh, que tormento!
Da cabeça inflammada o somno foge;
Nova scena a meus olhos se apresenta.
No theatro me cuido; escuto a orchestra,
Vejo a plateia, e os camarotes cheios,
Ouço os applausos, bravos que me animam,
E com esta illusão a vida cobro.
Mas eis que durmo, sonho, e de repente
Ao som da pateada afflicta acordo.

É manhã; — e outra vez começa a lida.
Oh vida! oh illusão! oh meu martyrio!

LUCIA.

Oh! certamente que me causa pena.
Tanto eu não poderia: antes quizera
Uma esmola pedir de porta em porta,
Do que seguir tal genero de vida.
E então porque ralar sua existencia?!
Para agradar ao povo! e apresentar-se
A rir, ou a chorar, como uma douda!

MARIANNA.

Que dizes tu? Coitada! o teu discurso
Bem mostra que da gloria o amor não sentes.

LUCIA.

Não sinto, e queira o céo que eu nunca o sinta;
Que si da gloria o amor é que lhe causa
Tantas inquietações, tantas vigílias,
Desprézo tal amor. Eu de contínuo
Nas minhas orações me recommendo,
Quando me deito, ao grande Sancto Antonio,
E ao meu Anjo da guarda que me ajudem,
E de vis maleficios me preservem.
Só quero amar a Deos... Diga, senhora,
Por ventura Camões amava a gloria?

MARIANNA.

Oh, si a amava! . . E que Luso depois d'elle
Tanto amou-a?

LUCIA.

Pois bem, sempre foi pobre;
Na miseria vivêo, pedindo esmolas,
E morrêo no hospital. Senhor Antonio
Que lhe diga o que ganha co'as comedias
Que elle compõe, para agradar ao povo.

MARIANNA.

Ganha a reputação de Plauto Luso,
De um illustre escriptor, de um grande homem.

LUCIA (com ar de compaixão).

Melhor fôra dizer — de um pobre homem.

MARIANNA.

E o que tem a pobreza co' o talento?

LUCIA.

Muito; que em Portugal andam casados.
E si o senhor Antonio continúa,
Já lhe prevejo um fim bem miserando.
Eu só ouço dizer que elle é jocoso,
Que faz as pedras rir: eis porque o amam.
E si não fosse a banca, e os demandistas
Que lhe dão de comer, creio de certo
Que elle morto estaria ha muito tempo,

Ou pelas portas pediria esmola
 Como o pobre Camões... Camões!... coitado!
 Quando da sua sorte me recorde,
 Em lagrimas meus olhos se convertem.
 Pobre homem!... Tão moço!.. Cavalheiro,
 Que podéra ter sido alguma cousa,
 Dar em poeta!.. Andar fazendo versos!
 Errando pelo mundo; naufragando;
 Vir á Lisboa, e aqui pedir esmolas;
 Comer o pão com lagrimas molhado; (Com tom de pie-
 dade e de compaixão.)

Morrer n'um hospital! Eu creio vel-o (Limpendo
 as lagrimas.)

Envolto n'um lençol, no adro da Igreja,
 Sobre a pedra estendido, alli, exposto,
 Movendo a piedade de quem passa,
 Que lhe atira um real p'ra sua cova!..
 Oh meu Deos, que castigo!.. Eu tenho um filho,
 Um filho que tambem erra no mundo;
 Faze que elle da gloria o amor não sinta;
 Que não tenha talento, e sobre tudo
 Que não seja poeta, por que possa
 Ser feliz sobre a terra.

MARIANNA.

O teu discurso,
 Máo-grado meu, o coração me toca.

Confesso que não fallas sem motivo.
Mil vezes reflectindo sobre a sorte,
Vendo a miseria perseguir o genio,
A ingratição dos homens, a injustiça,
A infamia que sobre elle a inveja lança,
E o desprezo da vil mediocridade,
Que no lodo se arrasta como o verme,
E outro Deos não conhece mais que o ouro,
Discorro como tu; e só desejo...
Nem sei o que... morrer... deixar o mundo.
Confesso que abraçára o teu conselho,
Si não fosse ser eu já conhecida,
E não poder arripiar caminho.
Sobre mim julga o povo ter direito.
Amanhã si eu dicer: adeos, theatro!
Todos se julgarão auctorisados
A me vir indagar qual o motivo.
Que não diria o povo? e que calumnias,
Que infamias sobre mim não lançaria?
Quasi que sou escrava. — No que dizes,
Acho muita razão.

LUCIA.

Mas não a segue.

MARIANNA.

Nem posso.

LUCIA.

Então porque?

MARIANNA.

É impossível.

LUCIA.

Impossível!

MARIANNA.

Sim, Lucia.

LUCIA.

Quem a impede

De seguir meu conselho?

MARIANNA.

A minha sorte.

Cadaqual tem a sua; a minha é esta.

LUCIA.

Mas a sorte se muda; mude a sua.

MARIANNA.

E tu porque não mudas tua sorte?

LUCIA.

A minha é outro caso; e só Deos sabe

Si lhe eu peço que a mude; — mas de balde.

MARIANNA.

Ah! tu cuidas que é Deos quem te embaraça

De mudar tua sorte?

LUCIA.

Oh, certamente!

Não tenho vocação de andar servindo,
Nem faço gôsto nisso.

MARIANNA.

Pobre Lucia,

Dás armas contra ti; sem gôsto serves,
E cuidas não poder mudar de vida,
A culpa pondo em Deos, e tu me accusas?
Queres sem mais razão que eu mude a minha,
Quando por vocação me dou á scena?
Tenho razão de mais para seguil-a.

LUCIA.

Lá, Senhora Marianna, em argumentos
Não me quero metter com a Senhora;
Não tiro conclusões, nem tenho estudos:
Mas em fim a razão está dizendo,
E dizer tenho ouvido a muita gente,
Que é melhor e mais nobre ser criada,
Que ser comediante.

MARIANNA.

Lucia, é muito!

Nunca pensei que a tanto te atrevesses.
Si não fôra o ter dó do teu estado,
Hoje mesmo ...

LUCIA.

Senhora, não se offenda;
Dice isto por dizer; sou uma tonta;
Desculpe esta ousadia.

MARIANNA.

Eu te perdôo;
Tu pensas como o vulgo.

LUCIA.

Eu me retiro.

MARIANNA.

Vai-te, vai-te deitar.

LUCIA.

Si necessita
De mim alguma cousa...

MARIANNA.

Nada quero.

LUCIA.

Bôa noite, Senhora.

MARIANNA.

Deos te ajude.

SCENA IV.

MARIANNA (só).

Entretanto ella pensa como o mundo,
Que nos vê com desprezo, e que nos trata

Como uma classe vil e desgraçada,
Sem honra e sem pudor; que ousa mostrar-se
Em publico debaixo de mil fórmas,
Só por amor do ganho; hoje trajada
Com as vestes reaes de soberana,
Amanhã co'os andrajos da pobreza...
Para rir, e passar alegre um' hora,
Não para corrigir seus ruins costumes,
O theatro procuram: nós lhes damos
Envolto em mel um salutar remedio;
Com seus proprios defeitos e seus erros
Excitamos o riso; e outras vezes
Co' o quadro da desgraça e da virtude
N'alma nobres paixões lhes accendemos.
Mostramos a innocencia perseguida,
Um pai sem coração, um filho ingrato,
Uma esposa infiel, um Rei tyranno,
Um magistrado que a justiça vende.
Interpretando a historia, e dando vida
Ás sublimes lições da Poesia,
Lhes mostramos os rapidos contrastes
Do nada e da grandeza: elles nos ouvem,
Elles nos vêm com lagrimas nos olhos;
E quando nós lhes embebemos n'alma
A dôr, a compaixão, o amor, e a ira,
Como nós da paixão só possuidos,
Esquecidos mil vezes, nos transportes,

Que dos quadros que vêm, elles são normas,
 Que de crimes iguaes são réos ás vezes,
 Cheios de enthusiasmo nos applaudem,
 Choram mesmo commosco, e se envergonham
 Ao aspecto do quadro, que desperta
 Como um remorso vivo a consciencia
 De seus crimes; — porêm a noite passa,
 E amanhã o desprezo é nosso premio!...
 Nós somos como a flor, que, enquanto fresca
 Seu cheiro exhala, a guardam cuidadosos;
 Mas logo que exhalou o aroma todo,
 Logo que murcha, para o canto a atiram.
 Assim pratica o povo, ingrato sempre!..
 Eu sei que isto é assim; porêm que importa!
 Não posso resistir ao meu instincto...
 Um immenso theatro é este mundo;
 Um papel aqui todos representam;
 Eu represento dous, de dia e noite.
 Eis meu unico crime. (Batem com força na porta.)

Mas quem bate
 Com tanta força? quem será? (Batem de novo.)

Quem bate?

ANTONIO JOSÉ (da parte da fórn).

Abre a porta, Marianna, abre depressa.

MARIANNA.

É Antonio José! (Apressada abre a porta.)

SCENA V.

Antonio José entra assustado, e arquejando de cansaço, encosta-se na porta com a mão na chave, depois feiza a porta, e assenta-se sem dizer cousa alguma. Marianna todo este tempo terá os olhos firmes sobre elle cheia de terror: depois de grande silencio de parte a parte Antonio José suspira, e então Marianna falla.

MARIANNA E ANTONIO JOSÉ.

MARIANNA.

Senhor, que tendes?

Estás doente?

ANTONIO JOSÉ (levantando-se furioso).

Sim; mas é de raiva

De não poder tragar esses sicarios,
Raça vil, bando infame de assassinos,
Que vivem de beber o sangue humano!
Oh, maldição do céo cáia sobre elles.
Maldição! maldição! o céo me escute.

MARIANNA.

Oh, já vejo: ladrões vos atacaram!
Quizeram vos roubar! Estás ferido?

ANTONIO JOSÉ.

Sim, dizes bem, ladrões... ladrões, sicarios!
Por toda parte só ladrões encontro;
Tudo se rouba, vida, honra, dinheiro;
Rouba-se ao Portuguez a liberdade,

E até o pensamento roubar querem.
Infames! querem que o homem seja escravo,
Que seja cego e mudo, e que não pense,
Para melhor calcar-nos a seu grado!
De noite, aproveitando o horror das trevas,
Subalternos ladrões gyram nas ruas,
E em cada canto o cidadão encontra
Um punhal, e uma cara de assassino!
Si d'elle escapa, em cada praça topa
Um refalsado amigo, um vil espia!
Não é seguro asylo a nossa casa.
Não ha lei, nem costumes, nem governo,
Nem povo, nem moral; sobresaltado
Stá sempre o homem, sempre receioso
Do que diz, do que pensa; nem no leito,
Nem no templo de Deos ha segurança;
Lá mesmo vão perversos aninhar-se;
Lá se acoutam trahidores homicidas,
Que se cobrem co' o manto da virtude,
Para mais a seu salvo flagelar-nos.
Mais brutaes, mais sacrilegos, infames!
Profanam de seu Deos, que adorar fingem,
O nome, e a lei de amor. E tu consentes,
Oh Deos, que me ouves, que os supporte a terra?
Que em teu nome perpetrem tantos crimes?
Mas si consentes tonsurados lobos
Sobre a terra, o castigo lhes preparas;

Sim, sim, eu creio no futuro premio,
No castigo futuro. — Deos é justo.

MARIANNA.

Que discurso! — A razão terá perdido? (A parte.)
Nunca vos vi assim! Que estranho caso
Vos pôde acontecer.

ANTONIO JOSÉ.

Estou perdido.

MARIANNA.

Perdido! como assim? porque motivo?

ANTONIO JOSÉ.

Nada sei.

MARIANNA.

Que afflicção isto me causa!

ANTONIO JOSÉ.

Os monstros!... si eu pudesse exterminal-os!
Qual é meu crime? o que é que tenho feito,
Para ser perseguido?

MARIANNA.

Perseguido?

ANTONIO JOSÉ (segurando na mão de Marianna).

Sim, perseguido, sim; talvez agora
Os vis denunciantes me procurem.

Talvez mesmo a teu lado, quando cuido
Estar salvo e seguro, alguém me escute.

MARIANNA.

Oh, que delirio!

ANTONIO JOSÉ.

Não, eu não deliro;

Nunca em mim a razão fallou tão alto.

Não stou seguro aqui. (Furioso passa para o outro lado, empurrando Marianna.)

MARIANNA.

Oh, que injustiça,

Senhor, vós me fazeis! Julgais acaso

Que sou vossa inimiga? Quem vos pôde

Inspirar essa idéa? e que motivos

Tendes vós contra mim? Como é possível

Que me trateis assim:

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna,

Não me queixo de ti; eu te conheço;

Sei que para salvar-me tudo déras;

Mas é quasi impossível.

MARIANNA.

Ainda ignoro

Dessa mudança a causa.

ANTONIO JOSÉ.

Como ignoras ?

Mas então tu não vês? já te não dice?
 Queres pois que mil vezes te repita,
 Que não posso escapar, que me perseguem?

MARIANNA.

Mas quem?

ANTONIO JOSÉ (com furor).

A Inquisição! a Inquisição!

MARIANNA.

Oh Deos! a Inquisição? (Cheia de horror.)

ANTONIO JOSÉ (rindo-se de colera).

O Sancto-officio!

MARIANNA.

Que horror! a Inquisição!

ANTONIO JOSÉ (colera misturada de piedade).

Oh que ironia!

O Sancto-officio!.. Sancto?.. o Sancto-officio,
 Mil vezes infernal! Obra do inferno!
 Sancto! . . . como está tudo profanado!
 Como os homens são máos! como elles zombam
 Té co' o nome de Deos! Quem poderia
 Crer que a Religião de Jesus Christo
 De instrumento servisse a tanta infamia?

MARIANNA.

Socegai; Deos protege os innocentes.

ANTONIO JOSÉ.

N'outro mundo, talvez.

MARIANNA.

E tambem neste.

ANTONIO JOSÉ.

Neste não; que este mundo é dos malvados.

MARIANNA.

Mas entre elles tambem ha homens justos.

ANTONIO JOSÉ.

Para victimas serem dos perversos.

MARIANNA.

Embora seja assim; o que nos cumpre
É cuidar de salvar-vos!

ANTONIO JOSÉ.

Porém como?

Como da Inquisição fugir ás garras?

Si aqui fico, não posso estar seguro;

E si saio, hoje mesmo serei preso.

Pois bem, daqui não saio; que se cancem;

Não lhes darei tão facil a victoria.

Cedo ou tarde a masmorra é infalivel,

Mas quero que primeiro se exasperem.

Lei de sangue, fundada na ignorancia,
 Que se appõe á razão, e á natureza,
 Não é lei á que os homens obedecam. (Andando.)
 Antes quero morrer longe da Patria
 Do que n'ella soffrer a tyrannia.
 Si para o cidadão não ha direitos,
 Não ha tambem deveres... Sim, é justo.
 Vou escrever ao Conde de Ericeira.
 Dá-me papel. . . Eu quero que elle saiba
 A triste posição em que me vejo.
 Lucia onde está?

MARIANNA.

Lá dentro.

ANTONIO JOSÉ.

Vai chamal-a. (Marianna sai.)

SCENA V.

ANTONIO JOSÉ (só, escrevendo).

„Nobre Conde, entre a vida e a morte existo,
 „Um pé na inquisição, outro no mundo;
 „Decidí de que lado cahir devo.
 (Não lhe quero pintar com negras cores
 O estado em que estou para poupar-lhe
 Momentos de furor; — continuemos.)
 „Decidí, nobre Conde; em vós confio;
 „Vós me podeis salvar; sem vós eu morro.

SCENA VI.

ANTONIO JOSÉ, MARIANNA E LUCIA.

ANTONIO JOSÉ.

Toma, leva esta carta; mas de modo,
Que a não percas; vê bem. Com brevidade
Vai á casa do Conde de Ericeira;
Entrega a elle mesmo... Lucia, escuta:
Si o criado impedir-te de fallar-lhe,
Dize que vás daqui de minha parte;
Não voltes sem resposta.

LUCIA (saindo).

Que mysterio!

SCENA VII.

ANTONIO JOSÉ.

Agora vamos ver quem de nós vence.
Maldita Inquisição, eu te assoberbo.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

A mesma decoração do primeiro acto. Marianna em pé encostada á uma porta, por onde mais tarde deve sair Antonio José.

MARIANNA.

Elle dorme, tão perto da desgraça!
Elle dorme; sua alma é innocente,
Seu coração é puro. — Ai, pobre Antonio!
Goza ao menos est' hora de descanço;
Não te quero acordar; em paz repousa
Essa cabeça que o terror perturba. (Caminha para o
meio da scena.)
Feliz quem dorme! O somno é o refugio
Do desgraçado; — mais feliz ainda
Si elle nunca acordasse . . E quem, quem sabe
Si este somno, depois de tanta angustia,
Este somno tranquillo em leito estranho,
É a imagem do somno sobre o tumulto?
Um precursor da morte? Deos! quem sabe
Si é da vida este somno o derradeiro,
Seu ultimo descanço sobre a terra;
E que acordando, em vez de ver a aurora,
Se ache na escuridaõ de uma masmorra!
Ah! quem escapa ao tribunal de sangue,

Quando elle quer ferir? Tudo é inutil;
 Nem vale a protecção, nem a innocencia,
 Nem o Rei de seu golpe está seguro!
 Oh desgraçado Antonio! E elle repousa!
 E elle dorme tão perto da masmorra! (Caminhando
 para o oratorio.)

Oh Mãe do Redemptor, velai sobre elle;
 Pedi por elle ao vosso Filho amado;
 Sim, oh virgem de graça. (Ajoelha-se.)

— Eis-me prostrada

A vossos pés, oh Mãe dos infelizes;
 Tende de mim piedade; de uma pobre
 Criatura sem Pai, sem Mãe, sem filhos,
 Que se lembrem de mim, que me socorram.
 Abracei uma vida de amarguras,
 Mas fujo do peccado, amo a virtude,
 E appareço no mundo das calumnias
 Sem infamia, sem crime; e tudo devo
 No céo a vós, na terra a este homem.
 Sim, vós sois minha Mãe, e elle tem sido
 Sempre meu protector, meu Pai, e amigo.
 Não permittais, oh Virgem, que elle soffra,
 Que elle morra, e que eu fique desgraçada. (Antonio
 José suspira da parte de dentro.)
 Que gemido, oh meu Deos! eu acordei-o. (Levanta-se.)
 Sem duvida acordei-o... Talvez sonhe.

Nem dormindo repousa o malfadado. (Caminha para a porta do quarto.)

Escutemos... parou... nada... é que dorme. (Voltando para o meio da scena, olha para o oratorio.)

Lembrai-vos d'elle. (Limpa os olhos, e abre uma janella que deita para a rua.)

Como tarda Lucia.

Que noite escura! O céo como está negro!

Oh! que noite de horror!.. nem uma estrella!

(Soam 10 horras n'um sino da Igreja. Marianna conta em voz baixa as horas.)

Dez horas!... Como a rua está deserta!

E Lucia inda não vêm! Oh que martyrio. (Feixa a janella, e vem para a scena.)

Que afflicção para mim; quantos tormentos.

E amanhã como posso ir ao theatro?

Como desempenhar a minha parte?

Não posso deixar de ir; é necessario

Trabalhar toda a noite e todo o dia. (Caminha para a meza, toma um papel e reflecte.)

Iguez de Castro!... que papel difficil!

Não preciso fingir; como me sinto,

Melhor exprimirei paixões alheias.

Vejamos;... ensaiemos esta scena. (Dispondo a scena para representar.)

A ama aqui stá; alli sobresaltado

O côro me annuncia a minha morte,

Que o Rei, e armada gente me perseguem.
 Em torno de mim choram; quasi insana,
 Cheia de horror, eu vejo os meus filhinhos;
 Quero fugir, exclamo: — * „Sonhos tristes!
 „Sonhos crueis! porque tão verdadeiros
 „Me quizestes sair? Oh spirito meu,
 „Como não creste mais o mal tamanho
 „Que crias, e sabias? Ama, foge,
 „Foge desta ira grande, que nos busca.
 „Não quero mais ajuda, venha a morte,
 „Morra eu, mas innocente...

SCENA II.

MARIANNA E ANTONIO JOSE.

ANTONIO JOSÉ (entra furioso sem ver Marianna como perseguindo alguem).

Morre, morre,
 Eu me vingo de ti, monstro nefando!

MARIANNA.

Que escuto! oh céos! que vejo!

ANTONIO JOSÉ.

Morre, morre.
 Não podes escapar; não. (Luctando só no meio da scena.)

* Estes versos são da Castro de Ferreira; Acto 3.º Scena 2.ª

MARIANNA.

Que delirio! (Corre para elle.)

Vós sonhaes; acordai, Senhor Antonio!

ANTONIO JOSÉ.

Onde está?.. De que lado elle escondêo-se?

MARIANNA.

Não ha ninguem aqui; eu tamsomente,
E vós: estamos sós.

ANTONIO JOSÉ.

Então que é d'elle?

MARIANNA.

Isso é sonho.

ANTONIO JOSÉ.

Quem és?

MARIANNA.

Sua Marianna.

Sou eu mesma... Aqui stou a vosso lado.

ANTONIO JOSÉ (abraçando-a).

Pobre Marianna!.. Que secura ardente.

MARIANNA.

Quer agua? eu vou buscar. (Sai.)

SCENA III.

ANTONIO JOSÉ (só, assenta-se).

Que sonho horrivel!

Onde estou eu? . . . Em casa de Marianna . . .

Como estou! (Examinando o seu vestuario.)

Acordei sobresaltado . . .

Que suor frio! estou gelado . . . eu tremo . . .

Que peso sobre a fronte . . . que secura . . .

Tenho a garganta ardente.

SCENA IV.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

MARIANNA.

Eis aqui agua;

Beba de uma só vez.

ANTONIO JOSÉ (depois de ter bebido).

Como é suave!

Oh, que prazer!

MARIANNA.

Quer mais?

ANTONIO JOSÉ.

Basta, Marianna.

Meu capote?

MARIANNA.

Aqui o tem.

ANTONIO JOSÉ (levantando-se).

Estou suando.

MARIANNA.

Quer deitar-se?

ANTONIO JOSÉ.

Isso não; dormir não posso;
Quero antes passear, e distrahir-me;
O exercicio convem-me. Dá-me o braço.

MARIANNA (passeando de um lado a outro).

Fui eu que o acordei co'as minhas vozes?

ANTONIO JOSÉ.

Não, Marianna; eu sonhava com serpentes,
E não sei com que mais... Era uma moça...
Espera, que me lembro. (Pára como para lembrar-se.)

Eu?... sim, eu mesmo,

A via perseguida por um homem
Todo coberto co'uma capa preta,
Que sobre uma fogueira a empurrara;
A moça me chamava a seu soccorro,
Gritava por meu nome: eu corro á ella,
Chego, vejo-a; — e quem cuidas que ella fosse?

MARIANNA.

Quem?

ANTONIO JOSÉ.

Eras tu, Marianna!

MARIANNA (assustada).

Oh Deos!

ANTONIO JOSÉ.

Tu mesma!

MARIANNA.

Será presentimento!..

ANTONIO JOSÉ.

Mal te vejo

Co'o pé já na fogueira, a ti me arrójo,
 Por um braço te arranco; ia salvar-te,
 Quando preso me vejo, e rodeado
 De multidão de frades, povo e tropa.
 Era um Auto-da-fé! O Sancto-officio!
 Tu a meus pés estavas desmaiada;
 Então sacudo o corpo, sólto os braços,
 Tiro a espada, e colerico investindo
 Contra a fogueira, espalho sobre a praça
 E sobre a multidão tições accesos.
 Tudo foge; o incendio já lavrava;
 Entre as chammas um homem me resiste,
 Um só homem! seus olhos scintillavam.
 Não refflicto; co'a espada enfio as chammas,
 Cego, co'o braço alçado, a elle corro,

Frenetico gritando: morre, morre!
De um lado a outro atravessei-lhe o peito;
Tiro a espada; de novo ia feril-o;
Ergue-se o monstro, ri-se, e desaparece;
Procuro, em vão forcejo; e nisto acordo.

MARIANNA.

Este sonho quem sabe o que annuncia?

ANTONIO JOSÉ.

Cousa nenhuma; o cerebro exaltado
Produz estas vizões extravagantes.

MARIANNA.

Os sonhos muitas vezes nos revelam
Desgraças, que acordados não prevemos.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, ha casos.

MARIANNA.

E casos bem notaveis.

ANTONIO JOSÉ (pensando).

Ha dias aziagos, em que o homem,
Em profunda tristeza mergulhado,
Se esquece de sí mesmo, e se concentra
No mundo interior da consciencia,
Nesse abysmo mais vasto do que o mundo,
Nesse mysterio occulto, indefinivel,
Nessa imagem de Deos em nós contida,

Que relata o passado, e ama o futuro.
Parece então que o homem se envergonha
De tão pouco saber, de ter vivido
Sem saber o que elle é. Então se eleva
Nesse mundo ideal; não se contenta
Co' o mundo dos sentidos; quer lançar-se
Além do espaço que seus olhos medem;
Quer prever, quer fallar co' o Ser Divino,
Quer saber o que é sonho, o que é a morte,
O homem que nem sabe o que é a vida!
Affirma sem provar, sem saber nega...
Ora, a noite os mysterios apadrinha;
Seu horror, seu silencio segregando-nos
Como as negras paredes da masmorra,
As eriações da mente favorecem,
E vasto campo dão á phantasia,
Que em largo vôo então desdobra as azas,
Mil mundos invisiveis visitando.
Quem sabe si essas sombras fugitivas
Como cometas que nos céos deslizam,
Que nós vemos de noite, e que nos fallam,
São simulachros de invisiveis seres?
Quem sabe si as visões, si os nossos sonhos
Orac'los são do intimo sentido,
Que o homem deve interpretar? Quem sabe?..
Ainda eu hoje sonhei... Oh, já descubro. (Pensando
profundamente.)

MARIANNA (interrompendo-o).

O que, Senhor? o que?

ANTONIO JOSÉ (distrahido dando com a mão para o lado).

Espera, espera.

Como me ia esquecendo!... Sim, foi hoje...

Foi esta noite... não; eu não me engano...

Á inquisição... eu fui denunciado!

E eu cuidava que tudo isto era sonho! (Como tornando a si.)

Como tenho, meu Deos, esta cabeça!

Como estava esquecido!

MARIANNA.

Melhor fôra,

Que tão serio em taes cousas não pensasseis.

Vossa imaginação é tão ardente,

Que em tudo a que se dá não acha termo.

ANTONIO JOSE.

Dias ha em que o homem stá disposto

A pensar seriamente, e a crer em tudo.

Não sei; isto me afflige... e o que me occupa

É saber neste sonho porque causa

Ias para a fogueira, estando eu livre;

E como isto se explica.

MARIANNA.

Oh Lucia! Lucia!

Como tarda!

ANTONIO JOSÉ.

É verdade, onde está Lucia?
Ainda não voltou?

MARIANNA.

Tardar não póde,
Eu espero por ella a todo o instante.

ANTONIO JOSÉ.

É provavel que o Conde tambem venha.

MARIANNA.

Não sei o que minh'alma presagía!
Si ella foi encontrada? Que desgraça!
Aquella carta... Que maior denuncia.

ANTONIO JOSÉ.

Oh, é verdade! Que erro! Que loucura!
Não ter previsto! Condemnar-me eu mesmo!
Compliciar o Conde: e a ti, Marianna,
A ti, sim, que me déste asylo em caza.
Talvez que a seu pezar Lucia confesse
Que eu aqui stou. Oh Deos, será possivel
Que eu arraste commigo a tua queda,
Que á fogueira tambem commigo subas!
Tu!.. E o meu sonho!.. Oh sonho! eu já te entendo.

MARIANNA.

E que importa, Senhor, se verifique
Esse sonho terrivel? Por ventura

Tem para mim a vida taes encantos
 Que eu não saiba morrer com rosto firme!
 Salvai-vos, eis sómente o que desejo,
 Morra eu, si for mister . . . Mas vós . . .

ANTONIO JOSÉ.

Marianna,

Não me enteneças nesta crise horrenda.
 De que nos servem lagrimas nest' hora?
 Não se póde perder um só instante;
 Fugir, ou esperar que Lucia volte;
 Ou talvez affrontar o bando infame
 De meus perseguidores; sim, feril-os,
 Morrer, matando, defendendo a vida;
 Decide tu, Marianna. (Batem na porta.)

MARIANNA.

Senhor, batem!

ANTONIO JOSÉ.

Serão elles?

MARIANNA.

Quem bate?

LUCIA (da parte de fóra).

Abra, Senhora.

MARIANNA.

É Lucia, é Lucia. (Tudo apressada abrir a porta.)

ANTONIO JOSÉ (rindo-se de contentamento, corre para Lucia que entra).

Emfim, estamos salvos.

SCENA V.

ANTONIO JOSÉ, MARIANNA E LUCIA

(que entra com uma caixa).

ANTONIO JOSÉ.

Vem, abraça-me, Lucia! O que ha de novo?
Que me trazes ahi? O que te dice
O Conde de Ericeira?

LUCIA.

Aqui lhe trago
Esta caixa; não sei o que vem dentro:
Eis a chave.

MARIANNA.

Vejamos.

ANTONIO JOSÉ.

E mais nada?

LUCIA.

Dêo-me mais uma carta. (Mettendo a mão no bolso.)

ANTONIO JOSÉ.

E tu perdeste-a?

LUCIA.

Creio que não; metti-a neste bolço;
Eil-a.

ANTONIO JOSÉ (arrebatando a carta).

Pois dá-m'a cá; nunca tens pressa.

O Conde é meu Amigo; eu bem sabía
A quem me dirigia. (Lendo.) „Caro Amigo,
„Eu tenho a meza prompta á tua espera;
„Vem commigo ceiar; posto que tarde
„Podemos rir sem medo: a ceia é fria,
„Não te has de queimar“. — Eu bem o entendo!
Fez bem de me escrever desta maneira.
O que vem nessa caixa?

MARIANNA.

Um vestuario

De criado do Conde.

ANTONIO JOSE.

Oh, bella idéa!

Vai-te, Lucia; de ti não precisamos.

SCENA VI.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

ANTONIO JOSÉ (começa a vestir-se de criado do Conde).

Não tenho medo agora: . . . estou zombando
Dos taes Familiares . . . Que me encontrem,

E com este disfarce me conheçam.
 Não posso perder tempo; adeos, Marianna.
 (Abraçam-se.)

MARIANNA.

Adeos!

ANTONIO JOSÉ.

Adeos! . . Tu podes lá ir ver-me;
 Ou eu te escreverei. Não tenhas medo;
 Não chores. Amanhã nós nos veremos.

MARIANNA (caminhando para a porta).

Não sei meu coração porque palpita!
 Parece que algum mal inda adivinha. (Batem na porta.)
 Batem! . . Tão tarde! (Param.)

ANTONIO JOSÉ.

O Conde talvez seja,
 Que me quiz preparar esta surpresa.
 Vou abrir; é o Conde certamente. (Quer abrir a porta,
 Marianna o retém, segurando-lhe no braço.)

MARIANNA.

Senhor, o que fazeis? eu não consinto.
 Convem não arriscar a vossa vida.
 Esperai. Que temor me nasce n'alma. (Batem de novo.)
 Bate-me o coração; tremo de medo.

ANTONIO JOSÉ.

Que receias?

MARIANNA.

Senhor, quereis ouvir-me?

Retirai-vos, por Deos, enquanto vejo

Quem é que bate.

ANTONIO JOSÉ.

-Bem, eu te obedego.

SCENA VII.

MARIANNA E FREI GIL.

MARIANNA.

Oh Deos! (Recuando cheia de espanto.)

FREI GIL (fazendo uma grande reverencia, e com ar
muito religioso).

Sou seu Ministro, e humilde servo,

E Deos esteja em vossa companhia.

De que temeis? Estais tão agitada!

Minha presença acaso horror inspira?

MARIANNA.

Na graça do Senhor sejais bem vindo.

FREI GIL.

Amen.

MARIANNA.

Pedis esmola para a Igreja!..

O que quereis de mim?

FREI GIL.

Oh, nada, nada!

A uma obra pia a compaixão movêo-me.
Só por amor de vós deixei o claustro
Com tenção de salvar-vos. Mas eu vejo
Que me convem sair; eu vos molesto.

MARIANNA.

Ah, não, Senhor! perdão, perdão vos peço.
Desculpai meu receio mal-fundado.

FREI GIL.

Receio! uma christã, de um sacerdote?
De um Ministro de Deos? Algum peccado,
Algum crime vos punge a consciencia?
Tendes horror da Igreja?

MARIANNA.

Oh, por piedade,
Não me julgueis culpada; a vossa bençam
Vos peço humilde. (Curvando a cabeça.)

FREI GIL.

Filha, socegai-vos.
Ha muito que eu quizera procurar-vos,
Para vos evitar uma desgraça.

MARIANNA (com vehemencia).

Desgraça?

FREI GIL.

Sim; e que desgraça horrivel!
Só eu sei o perigo a que me exponho,
Vindo vos procurar, para avisar-vos.

MARIANNA.

Como, Senhor, por mim tanta bondade!
Como de vosso amor me fiz credora?

FREI GIL.

Dir-vos-hei de vagar; o caso é grave;
E vendo-me aqui só a vosso lado,
Não posso ainda entrar em mim.

MARIANNA.

Sentai-vos.

FREI GIL (assenta-se).

E vós ficais de pé? . . Tomai assento.

MARIANNA.

Estou bem.

FREI GIL (querendo levantar-se).

Então me ergo.

MARIANNA.

Eu obedego.

FREI GIL.

Deixai-me respirar . . . Ninguem nos ouve?

MARIANNA.

Ninguem.

FREI GIL.

Como dizia: um mal ingente
Vos ameaça ha muito. O Sancto-Officio
Tem olhos sobre vós.

MARIANNA.

O Sancto-Officio?
E porque? Ainda mais este martyrio!

FREI GIL.

Eu não sei a razão, nem saber quero.
Só desejo servir-vos, mesmo quando
Tudo quanto se diz seja verdade.
Vós sois comediante, ides á scena,
E esse mundo profano vos conhece . .
A vida que passais é desprezível.
Mereceis melhor sorte. Eu conduído
Quero vos proteger, quero salvar-vos.
Sois alvo da calumnia, e mais não digo;
Vós me entendeis.

MARIANNA.

O que? estou suspensa
O que devo eu fazer? qual é meu crime?

FREI GIL.

Já que vós o quereis, a custo o digo:

Um Antonio José, que eu não conheço,
E que talvez nest'hora em que vos fallo
Na Inquisição esteja por seus crimes . . .

MARIANNA.

Crimes! elle? Senhor, isso é engano.

FREI GIL.

Si o defendeis, oh filha, estais perdida.
Não toqueis em seu nome: ignore o mundo,
Ignore a Inquisição que um amor cego,
Um amor criminoso em vós existe.

MARIANNA.

Não amor criminoso; puro, e sancto
É o amor que nos une; o céo o inspira
N'uma alma nobre, estreme de baixeza,
Uma alma como a minha; é a amizade,
Mais forte que o amor. É isto um crime?

FREI GIL.

Folgo de vos ouvir, mas vos declaro,
Que o mundo com razões não se embarça;
O mundo vos não crê.

MARIANNA.

Eu o desprezo!
Por propria experiencia eu o conheço,
E a minha profissão abrio-me os olhos
Sobre o que é mundo: e sem temor vos digo

Que por meu protector darei a vida,
E não me salvarei para perdê-lo,

FREI GIL.

Reflectí. . consultai vosso interesse.

MARIANNA.

Mas primeiro o dever; o céo me obriga
A seguir o dever.

FREI GIL.

Pois bem, segui-o;
Com Antonio José ide á fogueira;
Ide morrer no meio de uma praça,
Apinhada de povo, que ha dous dias
No theatro vos dava mil applausos.
Ninguem vos chorará, pobre Senhora!
Eu só devo chorar, e no meu claustro
Resarei por vossa alma. (Eaxuga os olhos.)

MARIANNA.

Oh scena horrivel!

Meu Antonio José!

FREI GIL.

O seu processo
Vos ha de complicar. Elle não póde
Escapar, e nem vós. Porém, Senhora,
Si o não amais; si é só pura amizade

Que vos une, convem antes salvá-o,
Do que morrer com elle inutilmente.

MARIANNA.

Salvado? e como?

FREI GIL.

Um protector zeloso
Tendes em mim; meu credito, e dinheiro,
Tudo póde vencer; mas antes disso,
Deveis vos occultar. Neste momento
Tenho uma casa prompta á vossa espera;
Nada vos faltará; a vosso lado
Constante velarei de dia e noite;
E de Antonio José nós trataremos
Com mais vagar, que o seu negocio é serio;
Não se decide assim. Vinde, Senhora,
Sou vosso protector, vinde commigo.

MARIANNA.

Quem? eu? sair daqui? é impossivel,
Sem Antonio José.

FREI GIL.

Que pertinacia!
Quereis morrer na flor de vossos annos?
E por quem? Por quem só vos causa a morte!
As iras desprezais do Sancto-Officio,
E em mim vós insultais sua piedade.

Já que me desprezais, eu vos desprezo:
 Mas eu me vingarei de vós, e d'elle;
 Desse Judeo.

(Antonio José ouvindo estas palavras, mostra-se entre os bastidores, e insensivelmente vem tremendo, sem ser visto, como impellido por um ataque convulsivo.)

SCENA VIII.

MARIANNA, FREI GIL E ANTONIO JOSÉ.

ANTONIO JOSÉ (investe ao peito de frei Gil, este se curva, tremendo de medo).

Hypocrita maldito,
 Nas minhas mãos estás; treme, malvado,
 Infame seductor... Oh, já te curvas!
 Onde está o poder que blazonavas?
 Cuidavas estar só, e que podias
 A teu salvo enganar, com vãos discursos,
 Uma pobre mulher?

FREI GIL.

Oh, por piedade!

ANTONIO JOSE.

Piedade de ti!.. morre, malvado. (Como querendo suffocal-o com as mãos).

MARIANNA (correndo para elle).

Senhor, que ides fazer? . . Por Deos vos peço,
Não vos cegueis.

FREI GIL.

Perdão, não sou culpado,
Só para o vosso bem eu trabalhava.

ANTÓNIO JOSÉ (com um riso ironico misturado de
indignação).

Para meu bem! Que infame hypocrisia!
Como espia a trahição naquelles olhos!
Como a impudencia treme-lhe nos labios!
Não sei quem me retêm? Que miseravel!
Sai de meus olhos, sai, põe-te na rua,
Já, e já, antes que eu de ti me vingue.

(Sai frei Gil, recuando com a cabeça baixa).

SCENA IV.

ANTONIO JOSÉ E MARIANNA.

MARIANNA.

Que fizestes, Senhor? allucinado
A conhecer vos déstes.

ANTONIO JOSÉ.

Nada temas;

Elle me não conhece, e sobre tudo
Com este vestuario. Não o ouviste,
Que até pensa que estou já na masmorra!

MARIANNA.

Assim é; mas convem acautelar-vos.

O Conde vos espera.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, eu parto.

Bem me custa deixar-te.

MARIANNA.

É necessario.

ANTONIO JOSÉ (Abraçam-se).

Adeos, Marianna.

MARIANNA.

Adeos. (Apertando-lhe a mão.)

ANTONIO JOSÉ.

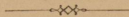
Nós nos veremos.

MARIANNA.

Deos permitta que sim.

ANTONIO JOSÉ (já na porta).

A Deos me entrego.



ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

Vista de sala em casa do Conde de Ericeira. Uma mesa no meio, sobre a qual estarão varios livros e papeis; entre elles um livro mais para um lado, dentro do qual estará a carta que Antonio José escrevêra ao Conde.

O CONDE DE ERICEIRA (passeando).

O que devo fazer? Fôrmo mil planos
Para salvá-lo, mas nenhum me agrada.
Talvez fosse melhor ir ao convento
Empenhar-me por elle... ou mesmo á casa
Do grande Inquisidor... Mas de outro lado
Póde muito bem ser que elle sabendo
Que eu o protejo, e que lhe dei asylo,
Mais de pressa o persiga, e até me force
A responder por elle ao Sancto-Officio.
Pobre Antonio José! e sobre tudo
Sendo de judaismo a sua culpa.
Si elle fugir quizesse, eu poderia
Alguns meios prestar-lhe... O mais prudente,
É bem nos informar desta denuncia,
Dar tempo a tudo, até que em fim se esqueçam.
Como elle está seguro em minha casa

Podemos reflectir com madureza. (Toca a campainha, e
apparece um criado.)

Vê si Antonio José está dormindo ;

Si não, que eu o espero . . . Em casos destes

Convem prever a tempo as consequencias.

Eu não creio o negocio entregue ao acaso ;

Tem mil difficuldades certamente,

Mas nada é impossivel... Oh!... (Virando-se, dá com
Antonio José que vem para elle.)

SCENA II

O CONDE , E ANTONIO JOSÉ.

ANTONIO JOSE.

Bons dias.

O CONDE.

Cuidei que hoje do leito não saisses !

ANTONIO JOSÉ.

Ao contrario; ha bem tempo que deixei-o.

Não se póde dormir a somno sólto

Quando se vê a espada de Damocles

Pendente sobre a frente.

O CONDE.

A phantasia

Creio que agora em ti mudou de cores.

Não gósto de te ver co'um ar tão triste.

Onde estão as satyricas facecias
Com que outr'ora zombavas deste mundo?

ANTONIO JOSÉ.

Eis dos homens a fraca natureza!...
Que mudança fiz eu de hontem para hoje!
Nem me conheço mais! Muda-se a sorte,
Muda-se o nosso genio! Eis como somos;
E a razão poucas vezes nos governa.
Si felizes, alegres nos mostramos,
Amamos o prazer, o jogo, o riso,
A dança, tudo emfim quanto transporta
Os sentidos na escala dos deleites;
E no meio das nossas alegrias
Do dia de amanhã nos esquecemos.
Emquanto nós folgamos, outros soffrem;
Insultamos a dôr dos outros homens,
Nem nos lembramos que o prazer é sonho,
E que só a desgraça é realidade!
Mas de repente a scena se transforma.
Do seio do prazer surge o infortunio,
E apparece a razão com ar sombrio
De tristes pensamentos rodeada...
Então das illusões o véo se rompe;
Vemos a nossos pés aberto o abysmo,
Que de flores cobria a f'licidade;
Conhecemos então o que nós somos;

Mil perigos então se nos antolham;
Fugimos do prazer, odiando o mundo,
E co'a morte e a verdade nos achamos!..
Oh contrastes da vida! Oh dia! Oh noite!
Cruel alternativa!... E sempre cego
Levar se deixa o homem pelo mundo.
Parece que a razão, envergonhada
De nada ter servido nos prazeres,
Nos deixa na desgraça.

O CONDE.

A culpa é nossa,
Que da razão tão pouco nos servimos.

ANTONIO JOSÉ.

Nossa, sim, mas não tanto; grande parte
Tem nisso nossos pais, e nossos mestres,
Que são da nossa infancia responsaveis.
Nunca a razão nos falla por seus labios;
Sempre o terror, o medo e o servilismo.
Os erros que co'o berço recebemos,
Tarde ou nunca os perdemos.

O CONDE.

Meu Amigo,
Só a philosophia nestes casos
Da nossa infancia os males curar póde.

ANTONIO JOSÉ.

Sim, a philosophia! Onde está ella?
Termo pomposo e vão!.. Quereis que eu chore
Como Heraclito sempre atrabiliario,
Aborrecendo os homens com quem vivo?
Ou que como Democrito me ria
De tudo quanto vejo? — Por ventura
Nisso consiste a natureza humana?
Quereis que eu seja estoico como Zeno?
Que diga que não soffro, quando soffro?
Por ventura não somos nós sensiveis?
Quereis que de Epicuro as leis seguindo,
Só me entregue ao prazer, ou que imitando
A Crates, e a Diogenes, me cubra
Com rôto manto, e viva desprezado,
Sem me importar co'as cousas deste mundo,
Como o cão que passeia pelas ruas?
Si eu vou seguir de Socrates o exemplo,
Pugnar pela razão, a morte é certa.
Quando toda a nação está corrupta,
Embebida no crime, e espezinhada
Por homens viciosos, quem se afouta
A seguir a virtude, muito soffre.
Para viver então é necessario
Que o homem se converta em sevandija,
Que seja adulator, vil, intrigante,
Para bemquisto ter assento entre elles.

O CONDE.

Tendes razão em parte; não a nego.
Mas, pensando melhor, e a sangue frio,
Deveis me conceder que a maior parte
Dos homens não reflectem seriamente
No que devem fazer; não é estranho
Que elles errem; porèm, nós Litteratos,
Nós que somos Poetas e Philosophos,
Que temos por dever servir de exemplo,
Já que Deos nos dotou de algum talento
Para sermos prestantes aos mais homens,
Não devemos obrar como elles obram.
Nós podemos de cada seita antiga
Extrahir o melhor; nunca devemos
Á risca respeitar nossos costumes,
Antes si elles são máos satyrisal-os,
Nem tambem atacal-os face á face,
Que então cahimos no geral desprêzo.

ANTONIO JOSÉ.

Que quereis á final? Que o vate seja
Poeta cortezão? que se mascare?
Que nunca diga as cousas claramente?
Que combine a verdade co'a mentira? . .
Poeta que calcula quando escreve,
Que lima quanto diz, por que não fira,
Que procura agradar a todo o mundo,

Que, medroso, não quer aventurar-se,
Que vá poetizar para os conventos.
Eu gósto dos Poetas destemidos,
Que dizem as verdades sem reboço,
Que a lyra não profanam, nem se vendem;
Estes sim, são Poetas. Quanto aos outros,
São algozes das Muzas; mercadores
Que fazem monopolio da poesia,
Com que escravos adulam seus senhores.
Quando escrevo meus dramas não consulto
Senão a Natureza, ou o meu génio;
Si não faço melhor, é que o não posso.

O CONDE.

Tu péccas porque queres; bem podias
Compor melhores dramas regulares,
Imitar Molière; tantas vezes
Te dei este conselho.

ANTÓNIO JOSÉ.

Eu o agradeço.

Molière escrevêo para Francezes,
Para a côrte do grande Luiz quatorze,
Para um Rei que animava Artes e Lettras,
E eu para Portuguezes só escrevo;
Os genios das Nações são differentes.
E de mais, por ventura por meus dramas
Sou eu denunciado ao Sancto-Officio?

Creio que não. Os frades bem se importam
Que eu faça o povo rir. Tomaram elles,
E todos os mandões que nos governam,
Que o povo só procure divertir-se,
Que viva na ignorancia, e não indague
Como vão os negocios, e que os deixem
A seu salvo mandar como elles querem.
Comtante que os impostos pague o povo,
Que cego e mudo soffra, qu e obedeça,
E viva sem pensar, elles consentem
Que o povo se divirta.

O CONDE.

Meu Antonio,

Em parte tens razão, porém o povo
É culpado tambem porque obedece;
Quem tem a força em sí porque se curva?
O que é Nação? a somma de escriptores,
De artistas, mercadores, e empregados,
Gente do campo, frades, e governo:
Todos querem ganhar a todo custo,
Ninguem quer arriscar; disto resulta
A total decadencia em que vivemos.

ANTONIO JOSÉ.

Como vai Portugal! Que triste herança
Receberão de nós os filhos nossos!
Tantas lições sublimes de heroismo;

Tantos feitos de nossos bons Maiores,
Patriotico zelo, amor de gloria,
N'um seculo estragámos! Nada resta!
Que contraste terrivel! Como um dia,
Nossos annaes a historia relatando,
Apparecer devemos! Com que opprobrio,
Com que desprezo as gerações futuras
Dirão de nós, julgando nossos fastos:
— Éra de corrupção e decadência! . .
E o que fazemos nós! A passos largos
Marchamos para a queda. E que não haja
Um braço forte, um braço de gigante,
Que entre nós se levante, e nos sustente!
Como as Nações se elevam, se engrandecem,
E como pouco a pouco se degradam!
Torna-se o povo escravo, os Reis tyrannos.
Onde está Portugal? Nação que outr'ora
Do mar o sceptro sustentava ufana,
E mandava seu nome a estranhos povos?
A Hespanha, que terror impunha á Europa,
Quando n'ella imperava Carlos Quinto,
O que é hoje, depois que esse tyranno,
Sanguinario Philippe erguêo-se ao throno?
E essas Nações antigas, Grecia, e Roma,
Mães de tantos heroes, de tantos sabios,
Porque se despenharam da grandeza?
Porque a corrupção dos governantes

Até aos cidadãos tinha passado.
 Nasce de cima a corrupção dos povos.
 Sim, os governos sós são os culpados
 Da queda dos Imperios: máos exemplos
 São sempre pelos homens imitados.
 Quando á testa do Estado se apresenta
 Um homem sem moral, falto de luzes,
 Que as honras Nacionaes vende á lisonja,
 Quem o circúla imita seus costumes,
 E este por sua vez é imitado,
 Té que de gráo em gráo, sempre descendo,
 A servidão ao povo contagia.
 Tudo perdido está; só a vergonha,
 Só a miseria, o opprobrio então se espera.

O CONDE.

Assim é; mas emquanto o povo dorme
 O remedio é soffrer com paciencia.

ANTONIO JOSÉ.

O povo acordará.

O CONDE.

A elle toca
 Defender seus direitos. Mas eu vejo
 Que elle se cala, e mostra estar contente.

ANTONIO JOSÉ.

Não se devem fiar. Como o camello,

Sustenta o povo a carga emquanto póde,
 E quando excede o peso ás suas forças,
 Ergue-se e marcha, e deixa a carga e o dono.

O CONDE.

Pois que se erga, e que marche; eu não o impeço.
 Eu não sou desses nobres ociosos
 Que pesam sobre o povo; nem desejo
 Que reine a tyrannia, ou a ignorancia.
 Trabalho pela patria e pela gloria;
 Posto que seja Conde, sou Poeta;
 Sei que um bom escriptor vale mil Condes,
 E curo de deixar uteis escriptos.

ANTONIO JOSÉ.

Oh, senhor, vós sois nobre duas vezes,
 Nobre pelas acções, nobre no genio,
 Sem fallar na nobreza dos Palacios.

SCENA III.

O CONDE, ANTONIO JOSÉ, E UM CRIADO.

O CRIADO.

O almoço está na mesa.

O CONDE.

Oh, é verdade,

Vai almoçar.

ANTONIO JOSÉ.

Eu só?

O CONDE.

Pois que cuidavas ?

Eu almoço mui cedo ; não chamei-te
Á hora, por cuidar que então dormias.

ANTONIO JOSÉ.

Então bem, até já.

O CONDE.

Aqui te aguardo.

SCENA IV.

O CONDE (só).

É um homem de genio. Assim o Estado
Soubesse aproveitar o seu talento ;
Assim o genio governasse o mundo ;
Ou então entre os Reis e as classes nobres
Só deviam nascer os grandes homens.

SCENA V.

O CONDE, E UM CRIADO.

O CRIADO.

Senhor Conde, aqui stá uma senhora,
Que pede uma audiencia.

O CONDE.

Dá-lhe entrada. (Sai o criado.)

SCENA VI.

O CONDE, E MARIANNA.

O CONDE.

Oh, Senhora Marianna! é a Senhora!

MARIANNA.

Sou de vossa Excellencia humilde serva.

O CONDE.

Sentemo-nos aqui . . . Que determina?

MARIANNA.

Desculpe-me o Senhor Conde; eu desejo
Saber noticias do infeliz Antonio.

O CONDE.

Commigo está.

MARIANNA.

E crê o Senhor Conde
Que elle possa escapar?

O CONDE.

Julgo provavel.

Fujo de lhe fallar sobre esse ponto,
De modo que elle ainda não contou-me
Como soube que foi denunciado.

MARIANNA.

Frei Eusebio, que é muito seu amigo,
Foi quem o prevenio hontem de noite.

O CONDE.

Vou mandal-o chamar; eu o conheço. (Toca a campainha
e apparece o criado; entretanto escreve um bilhetinho.)

Vai aos Dominicanos, e procura

O padre Eusebio; entrega-lhe este escripto.

Que venha já. Oh lá, não te demores. (Volta para o meio
da scena e assenta-se).

Não sei ainda o que será; eu penso

Que isto é uma invenção de frei Eusebio,

Sem fundamento algum; que elle o dicesse

Sómente para rir, e causar medo;

Posto que seja um padre respeitavel,

Incapaz de mentir; mas por galhofa,

Como Antonio José é engenhoso,

Talvez lhe esta pregasse.

MARIANNA.

O céo quizesse

Que o caso fosse assim! Mas eu não creio.

Para mim sempre é certa uma má nova.

O CONDE.

Eu penso de outro geito, e mais me inclino

A crer no que desejo.

MARIANNA.

O Senhor Conde,

Que pode effectuar os seus desejos

Vê o mundo melhor e mais risonho ;
 Tem razão; mas não eu, pobre coitada
 Que de insano trabalho me sustento.

O CONDE.

Todos nós trabalhamos mais ou menos.
 Diga-me, hoje que drama vai á scena?

MARIANNA.

A Castro de Ferreira.

O CONDE.

E representa?

MARIANNA.

Sim, Senhor.

O CONDE.

Lá hei de ir; desejo vel-a

Nessa parte sublime, e tão difficil.
 É do nosso theatro o melhor drama,
 Que tão mesquinho é elle, a obra prima
 Do nosso bom Ferreira, que até hoje
 Não achou quem a palma lhe roubasse.
 Eu gosto do theatro, e tenho pena
 Que este Antonio José não se elevasse
 Ao genero sublime da tragedia,
 Ou da boa comedia.

MARIANNA.

Suas Operas

Sempre são applaudidas pelo povo.

O CONDE.

Quizera antes que o fossem pelos sabios,
Quanto a mim, um auctor trabalhar deve
Por amor de sua arte tamsomente.
Mas Antonio José, apezar disso,
É um digno rival de Gil Vicente;
Sobre tudo é faceto: e só por isso
Ha de sempre ser lido com agrado.
Vamos vel-o; elle almoça. Dê-me o braço.
Vamos causar-lhe agora uma surpresa. (Saem ambos.)

SCENA VII.

FREI GIL, E O CRIADO.

O CRIADO.

Eu vou participar ao Senhor Conde.
Que o Reverendo Padre aqui o espera.

FREI GIL.

Pois sim; podes dizer que frei Eusebio
Não 'stando no convento, eu vim por elle
As ordens receber do Senhor Conde.

SCENA VIII.

FREI GIL (só, aproximando-se da meza).

Que negocio será com tanta pressa?

Estimo bem ter vindo. Quantos livros! (Olhando para os livros, que estão sobre a meza. Pega n'um que está separado, e dentro do qual estará a carta, que Antonio José escrevera ao Conde, participando que se achava em perigo.)

Este é o que elle lê, que está de parte.
Que auctor será? Vejamos. (Abrindo a 1.^a pagina.)

Não conheço.

Boi-le-au Des-pre-aux. — Que nome esturdió!
Creio que isto é Francez, si não é Grego.
Aqui está no que perde elle o seu tempo!
E já bastante lêo! cá está marcado. (Abrindo o livro pelo meio, onde estará a carta de Antonio José.)
Isto é nota talvez. (Pegando na carta.)

É uma carta. (Lê, e olha para traz, assegurando-se que não ha ninguem.)

Oh! que cousa feliz! Como apanhei-o!
É de Antonio José. Eil-o assignado!
Estará elle aqui?... Si está!.. É elle
Que hontem vestido estava de criado.
Vai para lá de noite!... Hei de esperal-o.
Que livro!... Vou já pôl-o sobre a meza, (Procurando pôr o livro no mesmo logar.)

No seu logar... Aqui; creio que é isto.
Stava mais deste lado, assim virado.
O Conde o que estará fazendo agora? (Chega-se á porta escutando.)

Muito bem... muito bem... ah! vem gente! (Vem assentar-se pé por pé, tira da algibeira o breviário, e põe-se a ler.)
 Não pecco contra a fórma.

SCENA IX.

FREI GIL E O CONDE.

(Frei Gil levanta-se à vista do Conde, e faz uma grande reverencia.)

O CONDE.

O padre mestre

Queira me desculpar. Eu sinto muito
 Tel-o feito cá vir inutilmente.
 Desejava fallar com frei Eusebio,
 Sobre um particular.

FREI GIL.

Vossa Excellencia

É que ha de perdoar minha ousadia
 De o vir incommodar; mais foi por zelo.

O CONDE.

Sou grato ao padre mestre.

FREI GIL.

Eu me retiro. (Vai-se, fazendo

uma cortezia.)

SCENA X.

O CONDE, MARIANNA, E ANTONIO JOSÉ, entram depois que sai o Frade; Antonio José chega á janella.

O CONDE.

Como é zeloso; ou antes curioso!

MARIANNA (despedindo-se).

Deos guarde ao Senhor Conde; eu parto.

O CONDE.

Viva.

(Marianna dá dous passos para se despedir de Antonio José, que volta repentinamente da janella.)

ANTONIO JOSÉ.

É elle, é elle! eu reconheço o monstro.

O CONDE E MARIANNA (assustados).

Quem? (correm ambos para a janella.)

ANTONIO JOSÉ.

Frei Gil!

MARIANNA.

Sim, é elle!

O CONDE.

Felizmente

Que se retira, sem que fosseis vistos.



ACTO QUARTO

SCENA I.

Vista de Sala em casa de Marianna, Lucia assentada, fiando, perto da mesa sobre a qual estará um candieiro acceso.

LUCIA.

E não me hei de queixar com esta lida!
Toda a noite a esperar: forte martyrio!
A Senhora vai lá para o theatro,
Lucia que fique á espera, e guarde a casa!
Afinal já o somno vem chegando.
Ora pois, já são horas; já é tarde;
Já podia minha Ama estar de volta.
Mas que grande segredo será este?
Não me querem dizer! Esta cautela
Faz-me crer que isto é caso extraordinario.
A Senhora anda tão sobresaltada,
Não dorme, falla só, e se lamenta,
Nem conversa commigo como d'antes.
Eu desconfio muito. Isto é desgraça,
E desgraça bem grande! Oh, certamente,
Não é só o theatro que a molesta!
Que veio hontem fazer aqui tão tarde
Senhor Antonio? e fóra do costume

Tão gritador, tão serio, e ao mesmo tempo
 Com ar tão abatido? E aquella carta
 Ao Conde de Ericeira? E aquella farda
 De criado? E a cautela! Aqui ha cousa.
 Queira Deos, queira Deos que a pobre Lucia
 Não se veja tambem mettida em trances! (Batem na porta.)
 Quem é lá? É minha Ama certamente. (Levanta-se e vai
 abrir a porta.)

SCENA II.

LUCIA, MARIANNA, E FR. GIL. (Marianna assustada fica
 em pé com a mão na chave.)

MARIANNA.

Quereis, Senhor, deixar-me?

FREI GIL.

Um só momento

Por quem sois, escutai-me.

MARIANNA.

Já vos dice,

Que vos não posso ouvir.

FREI GIL.

Porque motivo?

Que mal vos fiz? Que sem razão é essa?

MARIANNA.

Retirai-vos, Senhor. Não vos cõheço.

FREI GIL.

Ouvi-me, e vós sereis menos severa.

MARIANNA.

Quero emfim repousar; estou cansada;
Trabalhei toda a noite sobre a scena;
E não me é dado achar abrigo em casa.

FREI GIL.

E eu então? toda a noite ao ar exposto
Por vossa causa, fóra do convento,
Á espera, passeando á vossa porta;
E vós me repellis tão cruamente?

MARIANNA.

Eu não vos chamei cá.

FREI GIL.

Si me retiro,
Vós me ireis procurar, disso estou certo.

MARIANNA.

Pois quando eu procurar-vos, fallaremos.

FREI GIL.

Então talvez que seja inutilmente,
Que seja tarde, e o mal não tenha cura.

Uma vez dado o passo, o mundo inteiro
 Não poderá valer-vos; nem eu mesmo
 Me abrandarei co'o vosso inutil pranto.

MARIANNA. (Com vehemencia)

Que ides fazer, Senhor?

FREI GIL.

Oh! nada... nada...

MARIANNA.

Mas vós me ameaçais? Que mal hei feito?
 Não basta já meu credito em perigo?
 Quem vos tem visto entrar aqui tão tarde
 Que hade de mim suppor?

FREI GIL.

Pois é mudar-vos.

Hontem offereci-vos uma casa,
 E hoje reítéro a minha offerta.
 Si aqui quereis ficar, ficai, sois livre,
 Tambem vos não obrigo; mas lembrai-vos,
 Que a vossa decisão é a sentença
 Que se ha de executar em damno vosso,
 E talvez de alguem mais...

LUCIA (assustada).

Que! isso é muito!

De alguem mais? Pois tambem eu entro nisso?

FREI GIL.

Quem te chamou aqui? Vai para dentro.
Mandai que esta criada se retire.

MARIANNA.

Não ha necessidade; é minha amiga.
Lucia, deixa-te estar.

LUCIA. (Pondo-se juncto de Marianna.)

Daqui não saio.
A menos que minha Ama não me ordene.

FREI GIL.

Tenho que vos fallar muito em segredo.

MARIANNA (pegando na mão de Lucia).

Eu não tenho segredos que lhe occulte.

LUCIA (beijando á mão de Marianna).

Que coração de Frade! O que quer elle?

FREI GIL (para Lucia).

Que te importa o que eu quero? Vai-te embora.
Si não sáís já daqui, eu te prometto
Que accusada serás do mesmo crime.

LUCIA.

Que diz elle, Senhora? eu criminosa!

MARIANNA.

Meu Deos! . . Meu Deos! . .

FREI GIL. (Para Lucia.)

Então ! queres ouvir-me ?

MARIANNA.

Mas, Senhor, vós não vedes a distancia
De uma mulher a um Religioso ?
Que sinistra tenção nutris nessa alma ?

FREI GIL.

Não ha mulher, nem ha Religioso,
Nem sinistra tenção ; eu já vos dice,
Que vos quero fallar sem testemunha ;
Não quero expor-me a dictos de criadas ;
É segredo, repito ; — e o tempo passa.

MARIANNA.

Valei-me, oh céos... Vai, Lucia, vai ; mas olha ;
Si me ouvires gritar, vem soccorrer-me.

(Retira-se Lucia, benzendo-se, e olhando para traz ; Fr. Gil dá alguns passos, seguindo-a sempre com os olhos até que ella entre ; Marianna sobresaltada, fica immovel.)

SCENA III.

FREI GIL (um pouco distante).

Escutai-me. (Indicando o meio da scena.)

MARIANNA. (Ficando no mesmo logar).

Eu vos ouço.

FREI GIL. (Com ar de exprobração.)

Ao menos hoje

Creio que estamos sós!..

MARIANNA.

Como estou sempre.

FREI GIL.

Não tanto assim, não tanto... hontem de noite

Tinheis um Cavalleiro ás vossas ordens!...

Eu louvo a vossa escolha, elle a merece;

Um para o outro vos fez a Natureza.

MARIANNA.

Senhor, que suspeitais?

FREI GIL. (Com Ironia.)

Cousa nenhuma!..

Que posso eu suspeitar de uma Senhora,

Tão cheia de virtudes, tão severa,

Que treme á minha vista, e nem se atreve

A levantar a fronte, e olhar-me em face?

Mas que sabe salvar as apparencias,

Mancebos recebendo em sua casa

Com vestes de criado desfarçados!

MARIANNA.

Vós me calunniais.

FREI GIL.

Oh, que calúnia!

Foi sonho o que aqui vi; oh, sim, foi sonho.

MARIANNA.

E o conheceis? Sabeis que homem é esse,
Que assim me ousais fazer corar as faces?

FREI GIL.

Oh, não coreis! não é para isso o caso!
Não o conheço, não; mas attendendo
Á vossa alta virtude, e honestidade,
Deve ser vosso irmão, ou vosso primo.
Não é assim, Senhora?— Eu adivinho!

MARIANNA.

É tudo quanto tendes a dizer-me?

FREI GIL.

Ainda me resta intacto o meu segredo.

MARIANNA.

Pois acabai.

FREI GIL.

Não tenho muita pressa.

MARIANNA.

Tenho eu; que não devo dar-vos conta
Do que faço.

FREI GIL.

Vou já expor-vos tudo.
Mas dissei-me primeiro, si é possível,
Como se chama aquelle moço de hontem,
Que me ousou insultar em vossa casa,
O braço levantar, e até ferir-me?
Sabeis qual é seu crime? Um sacrilegio!
Não tem perdão seu crime. . . Contra um Membro
Do Sancto Tribunal erguer o braço!!
Isto com testemunhas; vós bem vistes;
Sois complice tambem do mesmo crime.

MARIANNA.

E vós, Senhor, aqui porque viestes?
Que tinheis que fazer em minha casa?
Quem aqui vos chamou? quem vos conhece?

FREI GIL.

Não é essa a questão. . . Dissei seu nome?

MARIANNA.

Não sei.

FREI GIL.

Que! não sabeis! Ora essa é boa!
Pois recebeis em casa tanta gente,
Que os nomes não sabeis, nem um ao menos?
E então me perguntais porque motivo
Eu ousei aqui vir? Como si fosse

Necessario que vós me conhecesseis,
Para que eu me atrevesse a visitar-vos.

MARIANNA.

Vós me insultais, Senhor! A minha vida
Sem nódoa, não merece taes insultos.
Ninguem ha que se atreva a infamar-me;
Só vós, só vós, Senhor, sois o primeiro.

FREI GIL.

Ah! sou eu o primeiro! eu não sabia.
Pois praza a Deos que eu seja o derradeiro!
Mas deixemo-nos disso. Dai-me o nome
Que vos pedi.

MARIANNA. (Com pertinacia.)

Não sei.

FREI GIL.

Teimais inutil;

Dai-me o nome.

MARIANNA.

Não sei; já vos eu dice,
E repito outra vez; não sei seu nome.

FREI GIL.

Ah, quereis mo occultar! o Sancto-Officio
Ha de vos obrigar a confessal-o;
Então me fallareis de outra maneira,

Com menos altivez, com mais brandura.
Eu vos quero lá ver com esse orgulho
Responder: eu não sei, e tenho dito.
Veremos isso lá...

MARIANNA.

O Sancto-Officio,

Poderá contra mim armar seu braço;
Poderá empregar o ferro, o fogo,
A tortura, e os mais barbaros martyrios;
Mas não me ha de forçar a ser traidora;
Mais facil lhe será tirar-me a vida,
Que arrancar um segredo da minha alma.

FREI GIL.

Oh! Oh! Tanto valor me causa riso!

MARIANNA (com desprezo e indignação).

E eu creio, sim; co'uma alma como a vossa!

FREI GIL (fortemente).

Que dizeis? Oh, quereis luctar commigo!
Ah, não fôsseis mulher, que neste instante...

MARIANNA.

Neste instante estarieis de joelhos,
Pedindo-me perdão, si eu fosse um homem.
Cobarde!

FREI GIL.

Tanto orgulho já me irrita!

Eu quero, mulher louca, eu quero ver-vos
No Sancto Tribunal com esse orgulho.

MARIANNA.

Vós me não conheceis; eu vos desculpo.
Sou louca, sou mulher, fraca, sem armas;
Mas quando uma mulher teima e resiste,
Quando a virtude lhe vigora o peito,
Forças lhe dá o céo, nada ha que a vença.
Pela ultima vez, Senhor, vos digo,
Podeis me ir accusar ao Sancto-Officio;
Ide já, ide já: — eu aqui fico;
Ou si quereis levar-me, eia partamos.
Ao grande Inquisidor direi sem medo
O que vos dice já: não sei seu nome.
Poderão arrancar-me a propria lingua,
Cortar-me os labios, retalhar-me o peito;
Mas não desmentirei minha constancia.
Deos me verá gemer; em Deos confio
Que nessa occasião me dará forças
Para soffrer a prova do martyrio,
Sem arrastar á morte um innocente,
Para salvar-me á custa de seu sangue.

FREI GIL.

Um innocente! — E vós cuidais salvall-o?
Cuidais que eu nada sei! que estou dormindo?
Que não sei quem é elle? que preciso

Que vós o accuseis? — O que eu queria
 Era vos humilhar, era vingar-me.
 Assaz vingado estou, mulher suberba!
 Era Antonio José quem aqui stava.

MARIANNA (cheia de espanto e perturbada).

Elle? . . .

FREI GIL.

Antonio José, sim, elle mesmo!
 Ah! cuidavas então que eu não sabia?
 Sim, é esse Judeo refugiado
 No palacio do Conde de Ericeira,
 Que cuida que ninguem mais o conhece,
 Porque anda co'a libré desse fidalgo.
 Não, não ha de escapar, eu vos prometto;
 O Judeo hoje mesmo ha de ser preso.

(Marianna ouve este discurso na maior agitação, tremula e como sem sentidos cai de joelhos aos pés do Frade, soluçando; depois de dizer o 1.º verso, segura com as duas mãos no braço de Frei Gil, este a afasta de sí, marchando para o outro lado da scena; Marianna sem o largar é levada de rastos.)

MARIANNA.

Basta, basta, Senhor! estais vingado.
 Por Deos, por Deos; deixai o desgraçado;
 Sim, vingai-vos de mim; tudo mereço,
 Mas que mal vos fez elle?

FREI GIL.

Elle é a causa
Da maneira por que me haveis tratado.

MARIANNA.

Não, Senhor, não é elle; o céo me escuta.
Perdoai, perdoai minha ousadia.

FREI GIL.

Já me pedis perdão?

MARIANNA.

Tudo por elle.
Nada quero por mim senão a morte,
Si vós m'a quereis dar.

FREI GIL.

Por elle nada,
Por vós tudo eu faria, si quizesseis;
Porêem vós não quereis; sois orgulhosa.

MARIANNA.

Orgulhosa, Senhor? e estou prostrada
Pedindo a vossos pés! Si fui suberba
Não me vedes bastante arrependida!

FREI GIL (transportado de alegria).

Marianna arrependida! . . . Oh! levantai-vos.

(Frei Gil ajuda Marianna a levantar-se, e tanto que ella se levanta, elle com uma mão segurando n'uma das de Marianna, com a outra passa sobre o braço como alisando-lhe a pelle.)

Levantai-vos, Marianna, vinde, vinde;
 Estais arrependida! — Oh que alegria
 Me banha o coração! Minha alma vôa;
 Nem posso sustentar-me. Oh, si soubesseis
 Que prazer me causais neste momento!
 Eu tudo vos perdôo; e me arrependo
 De vos haver tratado com dureza.
 Perdoai-me tambem; vós perdoais-me? (Como ajoe-
 lhando-se, mas não de todo.)
 Não é assim? dizei. De vossos labios
 Quero ouvir meu perdão; essa voz doce,
 Que me faz palpitar de amor o peito.
 Vinde, cara Marianna; eu vos adoro.
 Abraçai-me.

(Quer abraçal-a, Marianna o empurra, marchando para o outro lado cheia de horror, tendo ouvido todo o discurso do Frade immovel e estupefacta.)

MARIANNA.

Que horror! monstro, deixai-me.

FREI GIL (iado para ella).

Marianna, que fazeis! por piedade.

(Marianna corre de novo furiosa para o lado do Oratorio, sóbe sobre genuflexorio, pouisa uma mão sobre o Oratorio, tendo o outro braço estendido; Frei Gil a segura pelo braço, puxando-a.)

MARIANNA.

Meu Deos, Meu Deos, livrai-me deste monstro.

FREI GIL.

Quereis zombar commigo, mulher perfida!

MARIANNA (caindo de joelhos).

Ai!!!

SCENA IV.

OS MESMOS E LUCIA.

LUCIA (olhando para o Frade que está tremendo de colera).

Em nome de Deos eu te esconjuro,
Si és o demonio com figura humana.

FREI GIL (chega-se para Marianna, que está nos braços de Lucia, olha, e sai n'um transporte de desesperação).

Oh, que fado é o meu! tudo me odeia.

SCENA V.

MARIANNA E LUCIA.

LUCIA.

Meu Deos, que hei de fazer? si ella aqui morre!
Oh Senhora Marianna! . . . Ella não falla! . .

Como está fria! . . . As mãos estão geladas! . . .
 Que suor . . . Como está tão desmaiada! . . .
 Palpita o coração! Ah não stá morta . . .
 E eu sozinha . . . Como hei de soccorrel-a?
 Deixal-a, e ir buscar algum remedio . . .
 Não . . . já sei, eu vou pôl-a sobre a cama.

(Levanta-se com Marianna suspensa nos braços, e a vai levando devagar, indo ella de costas, de modo que Marianna, que vai com os pés arrastando, fique de frente; tendo dado alguns passos, Marianna firma os pés, levantando um braço, como acordando do desmaio; com este movimento Lucia cessa de andar, tendo-a sempre nos braços, até que Marianna lentamente torne a sí, e leva ambas as mãos aos olhos, para não ver a luz que lhe faz mal.)

MARIANNA.

Que clarão repentino! . . . Oh que fraqueza . . .
 Volteia-me a cabeça . . . a casa . . . Lucia . . .

LUCIA.

Senhora, eu aqui stou. (Dá com ella alguns passos para diante.)

MARIANNA.

Dai-me a cadeira . . .

Que afflicção.

(Assentando-se; Lucia fica de um lado pondo um braço sobre as costas da cadeira, de modo que Marianna recline a cabeça sobre o braço d'ella.)

LUCIA.

O que tem, minha Senhora?

MARIANNA (pondo uma mão na testa).

Ai de mim! . . . a cabeça se espedaça.

Os cabellos me espinham... Ai! que é isto? (Dizendo ai, sente um forte tremor, como um arrepiamento geral, levantando os braços convulsivamente.)

Eu toda me arrepio! Oh! (Levantando-se repentinamente.)

LUCIA.

Senhora!

O que é? O que tendes?

(Marianna horrorisada olha fixamente, como vendo alguma causa, e aponta com o dedo, com o braço estendido, e soluçando quer fallar e não pode; depois de ficar por algum tempo nesta posição, grita com voz rouca e tremula)

MARIANNA.

Sombra horrivel!

Fugi; deixai-me em paz . . . deixai-me, oh sombra!

(Empurrando com as mãos, e recuando, como si alguem a quizesse segurar).

Não mais; não mais; deixai-me. Oh Deos! salvai-me.

(Corre, e ajoelha-se diante do Oratorio.)

LUCIA (levantando as mãos para o céo).

Noite de horror! . . . Oh Deos! que tenho visto!

MARIANNA.

Eis-me aqui miseranda; eis-me prostrada
 A vossos pés, Senhor! Compadecei-vos
 De uma fraca mulher. Ai! já me faltam
 Forças para soffrer um mal tão grande.
 É certa minha morte . . . Mas ao menos
 Quero morrer, Senhor, na vossa graça.

SCENA VI.

MARIANNA, LUCIA E ANTONIO JOSÉ.

LUCIA (com transporte).

Vinde, vinde . . .

MARIANNA.

Quem é?

ANTONIO JOSÉ.

Sou eu, Marianna.

MARIANNA (correndo para elle).

Vós! . . Antonio José! O que fizestes?
 Senhor, o que fizestes? — Que tormento!
 Vindes buscar a morte nesta casa?

ANTONIO JOSÉ.

Como assim? que traidor aqui me aguarda?
 Quem é? dize, onde está? falla, Marianna.

MARIANNA.

Ah, Senhor, nem valor tenho para isso,
 Tão perto vejo o meu e o vosso damno.

ANTONIO JOSÉ.

O que ha de novo então?

MARIANNA.

Tudo se sabe.

Frei Gil . . .

ANTONIO JOSÉ.

Que! vi-o ha pouco, daqui perto;
Mas não me conhecêo.

MARIANNA.

Daqui safa.

(Antonio José assusta-se e fica suspenso.)

Acreditai, Senhor, tudo elle sabe;
Como andais, onde estais; talvez vos visse,
E fingisse que não vos conhecia,
Para melhor executar seu plano.
Elle aqui esteve; aqui esse malvado
Ousou . . . nem dizer posso.

ANTONIO JOSÉ.

Eu já percebo

Qual é sua intenção. Emfim, Marianna,
Convem tudo dizer-te. Brevemente
Sai do Porto um navio para a Hollanda;
N'elle tomo passagem. Lá seguro
Posso acabar os restos de meus dias.
Tenho cartas para Haya; o Conde mesmo

Foi quem tudo dispoz. Eu fui á casa,
Aproveitando a noite, e vim dizer-te
O derradeiro adeos . . . Porém, Marianna,
Não posso aqui deixar-te, só, exposta
Á vingança cruel do Saneto-Officio.
Tenho pensado bem: eu só não parto.
Vem commigo.

MARIANNA.

Senhor, como é possível?
Que vou eu lá fazer em terra estranha?

ANTONIO JOSÉ.

Ou ambos escapar, ou morrer ambos.
Outro meio não ha!

LUCIA.

E eu, Senhora?
O que ha de ser de mim? Ninguém se lembra
Da malfada Lucia.

MARIANNA (apertando a mão de Lucia).

Estamos junctas.

ANTONIO JOSÉ.

Então, nada respondes? Não decides?

MARIANNA.

Salvai-vos, vós, Senhor; deixai que eu morra.

ANTONIO JOSÉ.

Não, não parto sem ti. Minha Marianna.

Vamos junctos viver. Em qualquer parte
 Onde a sorte levar-nos, eu prometto
 De nunca te deixar; e si a amizade
 Até hoje ligou-nos; si a desgraça
 Nos aperta este laço; inseparaveis
 Devemos sempre ser; sim, viviremos
 Um para o outro; sim, tu serás minha,
 Tu serás minha esposa; o céo me escuta.
 Eis aqui minha mão (segura na mão de Marianna).

MARIANNA.

Eu vossa esposa!

Oh Senhor! . .

ANTONIO JOSÉ.

Tomo Deos por testemunha,
 Juro morrer por tí, ser teu consorte.
 Sim, abraça-me, vem, cara Marianna (abraçam-se com
 transporte, Lucia chora de ternura).
 Só pode agora a morte separar-nos.
 (Ouve-se um grande tropel.)

MARIANNA.

Que rumor! . .

ANTONIO JOSÉ.

Que será?

LUCIA (correndo para Marianna).

Fugi.

SCENA VII.

OS MESMOS E FREI GIL.

(Familiars do Sancto. Officio, e Soldados, que entram repentinamente.)

FREI GIL.

Da parte

Do Sancto Tribunal.

(Os Familiares se apoderam de Antonio José, que corre para Marianna, como para abraçal-a, mas elles o impedem; entretando frei Gil se apresenta diante de Marianna, que convulsa e horripada mal o vê, e ouvindo aquellas palavras, grita.)

MARIANNA.

Ai! . .

(E cai por terra. Lucia se ajoelha ao pé do seu corpo, cobrindo co'as mãos os olhos, debruça-se sobre elle. Antonio José, seguro pelos braços, dobra os joelhos, lançando o corpo e a cabeça para diante, e procura com os olhos certificar-se do estado de Marianna.)

ANTONIO JOSÉ.

Está morta! . .

(Firmando-se repentinamente, e fazendo um forte movimento com todo o corpo, grita.)

Que eu não possa vingar a sua morte! . .

(Aqui os Familiars o puxam, e o levam de rastos. Frei Gil desde que Marianna cai, fica estupefacto, com os olhos fixos no céu; assim termina o acto.)



ACTO QUINTO.

Vista do carcere do Sancto-Officio; uma escada no fundo. Antonio José deitado no chão sobre palhas, preso por uma corrente á pilastra que no meio da scena sustenta a abobada do carcere; um candieiro aceso, e um pote de agua.

SCENA I.

ANTONIO JOSE (fazendo um esforço para levantar a cabeça, olha para todos os lados, e firmando o cotovelo no cepo, que lhe serve de travesseiro, pousa a cabeça na mão, e com voz debil começa a fallar.)

É dia, ou noite? . . . O sol talvez já brilhe
Fóra desta masmorra . . . A natureza
Talvez cheia de vida e de alegria
O hymno da manhã entôe agora!
Mas para mim fechou-se o mundo, e o dia . . .
Para o mundo morri . . . Minha existencia
Já não conto por dias; sim por dores!
Nesta perpetua noite sepultado,
É meu unico sol esta candeia
Pallida e triste como a luz dos mortos,

Diante de meus olhos sempre accesa
Para tingir de horror este sepulchro.
Seu vapor pestilente respirando,
Vejo correr meus ultimos instantes
Como esse fumo negro, que ella exhala,
E em confusos novellos se evapora.
Para mim já não sôa voz humana!
Só perturba o silencio deste carcere
O ferrolho que corre, e a dura porta,
Que em horas dadas se abre ao carcereiro.
Por musica contínua esta corrente,
Que retine, e chocalha em meus ouvidos,
E de negros vergões me crava o corpo...
Si eu pudesse dormir — um somno ao menos
Livre destas cadeias! — porém como,
Tendo por cabeceira um duro cepo,
Este chão frio e humido por leito,
E palhas por lençol! — E porque causa?
Por uma opinião, por uma idéa
Que minha mãe herdou de seus maiores,
E a transmittio ao filho! — E sou culpado!..
É possivel que os homens tão máos sejam,
Que como um fero tigre assim me tratem
Por uma idéa occulta de minha alma?
Porque em vez de seguir a lei de Christo,
Sigo a lei de Moysés!.. Mas quando, quando
Esse Deos homem, morto no calvario,

Prégou no mundo leis de fogo e sangue?
Quando, na cruz suspenso, dêo aos homens
O poder de vingar a sua morte?
Que direitos teem elles, que justiça,
Mesmo por sua lei, de perseguir-nos? . . .
Oh que infamia! Assim é que elles entendem
Do seu legislador os mandamentos!
Leis de amor, convertidas em leis de odio!
E são elles christãos! . . . E assim manchando
O nome de seu Deos, ousam mostrar-se
Á face do Universo, revestidos
De sagradas insignias; profanando
Os Templos, que deviam esmagal-os!
E se inculcam de Deos Sanctos Ministros!
Oh céos, que horror! que atroz hypocrisia!

(Depois de um momento de pausa, esforçando-se para mudar de posição, tinem as cadeias; fica apoiado sobre o braço, com a mão no chão, e com a outra levantada e segurando na cadeia, que o prende á pilastra).

Ai . . . já não posso . . . Dóe-me o corpo todo.
Como tenho este braço. (Tomando uma larga respiração.)
O ar me falta . . .

Creio que morrerei nesta masmorra
De fraqueza e tormento . . . O meu cadaver
Será queimado, e a cinzas reduzido!
Oh, que irrisão! . . . Quão vís são esses homens!

Como abutres os mortos despedaçam
Para fartar seu odio, quando a vida
De suas tristes victimas se escapa! (Com indignação.)
Não, eu não fugirei á vossa raiva,
Não mancharei meus dias derradeiros
Arrancando-me a vida; não, malvados,
Assás tenho valor para insultar-vos
De cima da fogueira. A minha morte
Quero que sobre vós toda recáia.

(Um momento de pausa; abaixa a cabeça como absorvido em algum pensamento e sacudindo-a, diz com voz baixa e compassada.)

Morrer . . . morrer . . . Quem sabe o que é a morte? . . .
Porto de salvamento . . . ou de naufragio! . . .
E a vida? . . . um sonho n'um baixel sem leme . . .
Sonhos entremeados de outros sonhos,
Prazer, que em dôr começa, e em dôr acaba.
O que foi minha vida, e o que é agora?
Uma masmorra alumiada apenas,
Onde tudo se vê confusamente,
Onde a escassez da luz o horror augmenta,
E interrompe o recondito mysterio.
Eis o que é vida! . . . Mal que a luz se extingue,
O horror e a confusão desaparecem,
O palacio e a masmorra se confundem,
Completa-se o mysterio . . . Eis o que é morte.
E minha alma? . . . essa em mim existe agora

Como eu nesta masmorra esclarecida;
Vai-se a vida, e minha alma será livre,
De Deos receberá novos destinos,
Ou irá repousar na eternidade.

(Ouve-se o ruído do ferrolho que corre na porta que fica no alto da escada. Antonio José experimenta uma commoção repentina.)

Oh meu Deos!. . quem será? Estou tão fraco
Que o menor movimento me apavora!

(Faz deligencia para ver quem vem; entretando frei Gil com um capuz que lhe cobre a cabeça e a cara, e cai em ponta sobre o peito, e apenas com dous buracos diante dos olhos, apparece no alto da escada, com um archote na mão, e lentamente desce; chegando á scena, crava o archote no chão, e ajoelha-se humildemente, levantando as mãos para o céo. Antonio José o contempla com pasmo.)

SCENA II.

ANTONIO JOSÉ E FREI GIL.

FREI GIL.

Senhor, o vosso servo humilde implora
A vossa protecção. Eis o momento
Que de mais caridade necessito,
Para poder domar o meu orgulho
E completar a minha penitencia.
Que seja esta masmorra o meu refugio

Onde humanas paixões entrar não ousem,
Onde eu, só pela dôr christã guiado,
Dos meus crimes passados me recorde;
Soffra todo o tormento dos remorsos,
E no excesso da dôr me purifique.
Senhor, Senhor, ouvi ardentes preces
Que hoje minha alma exhala arrendida. (Levanta-se.)

ANTONIO JOSÉ.

O logar é propicio á penitencia;
De certo que melhor não acharieis.

FREI GIL.

Propicio é o logar, sim; mas ás vezes
O coração humano é tão rebelde,
Tão pesado de vicios, que resiste
Á voz terrivel da verdade eterna,
Que tão alto resôa na masmorra,
No retiro do claustro, e em erma gruta.

ANTONIO JOSÉ.

A paixão mais insana, e mais ferosa
Quebra-se ante o rochedo da vontade;
Basta um desejo ardente e esclarecido
Para domar o peito: e uma Fé pura
Para que Deos perdôe.

FREI GIL.

Assim o creio;

E ouvindo-vos fallar dessa maneira
Exulto de prazer. Sim, Deos perdôa;
Mas os homens acaso nos perdoam
As offensas, e o mal que lhes fazemos?

ANTONIO JOSÉ.

E que importa que os homens não perdoem?
Diante do Senhor os homens todos
São réos, e como réos serão julgados,
E nenhum poderá julgar ao outro.
Si aquelle que só lê no livro occulto
Da nossa consciencia nos absolve,
Quem terá o poder de criminar-nos?

FREI GIL.

Porque não sois christão! Si a luz de Christo
Tivesse esclarecido a vossa crença,
Mais humanos discursos verterieis.
Os juizos de Deos são infalliveis;
Mas Deos julga no céo, na terra os homens;
E o Christo do Senhor, na cruz morrendo,
Perdoou, para que os homens perdoassem.
Nós pedimos a Deos que nos perdoe,
Como nós perdoamos; si elle outorga
As graças que diurnas lhe pedimos,

É por que os homens, seus amados filhos,
 Vivam na terra em paz, em harmonia,
 E as fraquezas do proximo desculpem.

ANTONIO JOSÉ.

Divina unção respira esse discurso;
 Mas, Padre, vosso manto me revela,
 Que vossa ordem profana a lei de Christo.
 Vosso claustro de sangue está manchado;
 Mora n'elle a traição, o odio, a vingança;
 D'elle fugio a fé, e a piedade.
 Ide prégar no vosso mesmo claustro
 As virtudes christãs. Si sois culpado,
 Si arrependido estais dos vossos erros,
 Será esta uma boa penitencia.

FREI GIL.

Vós o ouvis, oh meu Deos! tudo mereço.

ANTONIO JOSÉ.

Si desejais ser-me util neste instante,
 Dai-me a mão, ajudai a levantar-me.

(Frei Gil lhe dá a mão, e Antonio José levanta-se, ficando apoiado por algum tempo sobre o hombro do Religioso.)

Ai. . . Eu vos agradeço. . . Já me custa
 O peso supportar destas cadeias.
 Muito tenho soffrido!

FREI GIL.

Brevemente

Recobrareis inteira liberdade.

ANTONIO JOSÉ (interrompendo-o vivamente).

Que dizeis? liberdade! Não, não creio;
Nem sonhando a esperança me consola.
Fagueira liberdade! ah, si eu pudesse
Lançar-me inda em teus braços; ver de novo
O mundo que eu perdi, e como a Phenix
Renascida das suas próprias cinzas
Cantar minha victoria, e ver em sonhos
A masmorra, como hoje vejo o mundo! . .
Mas que digo? Que tenho que ver n'elle?
Oh Marianna! . . onde estás? tu me deixaste;
E uma lagrima ao menos não me é dado
Derramar sobre a tua sepultura . . .
Não irei perturbar as tuas cinzas
Co'os meus tristes gemidos . . . Não, Marianna,
Não ficarei mais tempo sobre a terra:
Breve irei ver-te. — Ah, goza a paz eterna;
Goza, que eu me preparo para a morte . . .

FREI GIL.

A morte desejais?

ANTONIO JOSE.

Ah, venha a morte;

É só o bem que espero.

FREI GIL.

Mas vossa alma
Não deseja outro bem?

ANTONIO JOSÉ.

A eternidade!

FREI GIL.

E não temeis o tribunal eterno?

ANTONIO JOSÉ.

Deos é grande! e minha alma sai do mundo
Assás martyrisada pelos homens.
É em nome de Deos que eu soffro a morte;
E ainda não manchei o sacrificio,
Contra seu sancto nome blasfemando.
Co' o labéo de Judeo, com que me infamam,
Fica minha memoria nodoadá.
A minha geração erra proscripta
Sobre os pontos da terra, e quando cuida
Achar occulto asylo onde repouse,
Encontra a maldição dos outros homens.
O Deos a quem meus pais sempre adoraram
É o Deos que eu adoro, e por quem morro.
Elle me ha de julgar.

FREI GIL.

E Jesus Christo?

ANTONIO JOSÉ.

E sancta a sua lei; assim os homens,
Por quem elle morrêo, a respeitassem.
Quem adora a um só Deos, e cumpre á risca
O triplice dever que elle nos marca
Em relação a sí, ao céo, e aos homens,
Nada póde temer.

FREI GIL.

Não mais vos canço;
Quereis morrer na lei em que nascestes,
Eu morrerei na minha; e Deos nos julgue
Com aquella infinita piedade
Que merecem tão fracas criaturas.
Mas, Antonio José, eu vos imploro,
Para salvar uma alma arrependida,
Uma só graça.

ANTONIO JOSÉ.

A mim? que fazer posso?

FREI GIL.

Tudo para applicar os meus remorsos,
E dar um lenitivo á consciencia,
Que sem cessar me exprobra, e me condemna.

ANTONIO JOSÉ.

Quem sois vós?

FREI GIL.

Um perverso, um criminoso

Diante do Senhor, e ante meus olhos,
 E indigno do perdão que ousou implorar-vos.
 Eu perturbei a vossa paz terrestre;
 Arranquei-vos do mundo, e sepultei-vos
 Nesta escura masmorra . . . assassinei-vos!
 Fui eu . . . que horror! . . . eu mesmo. Oh, Marianna!

(Levantando as mãos para o céu.)

ANTONIO JOSÉ (cheio de pasmo como duvidoso do que frei Gil
 lhe vai dizer).

Marianna!

FREI GIL.

Já não vive . . .

ANTONIO JOSÉ (ouvindo estas palavras, deixa cahir os braços
 sem força, e levanta os olhos para o céu; tremulo e soluçando,
 ergue depois os braços, e cobre o rosto com as mãos, e com ellas
 limpa as lagrimas, repetindo com voz chorosa).

Já não vive! . .

Minha cara Marianna! . . Eu já sabia . . .
 Eu mesmo a vi cahir . . . Em vão tentava
 Duvidar de meus olhos . . . Dessa lucta
 Ao menos na incerteza vislumbra
 Uma esperança vaga . . . Eu me dizia,
 Que talvez o terror me fascinasse . . .
 Que um desmaio talvez . . . Porém meus olhos
 Assás me desmentiam . . . Sua imagem

Sem côr, sem vida, e sobre a terra immovel,
 Para me exasperar se me antolhava . . .
 O seu ultimo ai . . . seu ai de morte,
 Grito horrivel da dôr. que o nó rompia
 Entre sua alma e o corpo, de contínuo
 Retumbava nos seios de minha alma . . .
 Oh! porque não morri nessa hora horrenda,
 Minha cara Marianna! . . Ah, si a incerteza,
 Essa incerteza van, que eu só criava,
 Com que eu só me illudia, era um abutre
 Que o peito me roía lentamente;
 Esta horrivel certeza de um só golpe
 Me espedaça, e me extingue o sentimento . . .
 Eis os bens que eu tão louco imaginava
 No que emfim acabaram! . . Oh, Marianna!
 E eu sou, oh dôr! . . de tua morte a causa!
 (Cobre os olhos com as mãos, e assenta-se sobre o cepo.)

FREI GIL (horrorisado).

Ah, vingai-vos, oh céos, de mim vingai-vos! . .
 E eu fui que perpetrei tão negro crime?
 Eu mesmo?—Oh, tenho horror de minha sombra! . .
 Não mais . . . não mais me occulto a vossos olhos . . .

(Dizendo isto arranca o capuz que lhe cobria o rosto, e se mostra pallido com os cabellos arripiados.)

Eis o crime pintado em meu semblante!

(Antonio José levanta-se repentinamente fazendo, ao mesmo tempo um movimento de horror.)

Eis, emfim, quem eu sou... Voltais o rosto?...
 Tendes horror de mim? oh, sim, é justo...
 Eu fui o vosso algoz... Senhor, vingai-vos,
 Sim vingai-vos, Senhor; aniquilai-me
 Com insultos... cobri-me de ignominia...
 Mas vós nada dizeis?... Esse silencio,
 Esse silencio horrivel mais me infama...
 Mais me exacerba a dôr... Cruéis remorsos!
 Despedaçai esta alma criminosa!
 Não me poupeis... ah não... assassinaí-me,
 Como eu assassinei-a... Inferno! inferno!
 Tu stás dentro de mim... ah, devorai-me...
 Mas que silencio!.. tudo me abandona...
 Tudo foge de mim... horrorisado...
 E estas muralhas sobre mim não caiem!..
 Ah... fujamos daqui... Assás vingada,
 Assás vingada estais co'os meus remorsos...

(Foge furioso para o fundo da scena, quer subir a escada, porém cego e no delirio tropeça e rola, e tonto trabalha para levantar-se, Antonio José entretanto quer dar alguns passos para segural-o, porém é retido pela cadeia, e para não cahir segura-se á pilastra.)

ANTONIO JOSÉ (cheio de piedade).

Basta, basta!.. Si estais arrependido,
 Si vossa dôr é plena, recordai-vos
 Do que dice o Senhor: „De seus peccados
 „Não mais me lembrarei, tudo perdôo;

„Porque eu do peccador não quero a morte,
„Mas sim que se converta, e que elle viva“.

FREI GIL (ajoelhando-se).

Oh Palavras de Deos! ellas derramam
Na minha dôr um balsamo suave. . .
Eu não mereço tanto. . . Mas ditoso
Quem escuta, Senhor, vossas palavras
Nos dias de afflicção, e de amargura!
Ah, possam ellas inflammar minha alma
De fé, e de esperança; e os meus remorsos
Purificar a nódoa do peccado;
E como um doce orvalho saciar-me
Neste ardor, com que o crime me devora! . . .
Oh, Marianna! do céo onde desfructas
A palma do martyrio, e a paz dos justos,
Meu perdão condoída pronuncia

ANTONIO JOSÉ.

A força me abandona. . . Em vão tentara
Blasfemar, e exprobar-vos; neste instante
Minha alma se dilata, e a voz do mundo,
A voz da indignação morre em meus labios. . .
Oh, não sei que prazer nunca sentido
Me abala os ossos, e me inunda o peito.
Só vejo um penitente arrependido,

E ante mim o Senhor me diz: perdoa,
Mortal, perdoa; é teu irmão... Ah vinde.

(Para Frei Gil.)

Não vos aggravo a culpa... O vosso indulto
Recebei em meus braços.

(Frei Gil, chorando de prazer, atira-se nos braços de Antonio José. Ouvem-se algumas badaladas de sino, e um rufo de tambor, e os dous separam-se assustados.)

FREI GIL.

Céos! que escuto!

ANTONIO JOSÉ.

É talvez o signal da minha morte...

FREI GIL.

Senhor!...

ANTONIO JOSÉ.

Não receeis; dizei...

FREI GIL (soluçando).

Não ousou...

ANTONIO JOSÉ.

Eu entendo... é minha hora derradeira...
Bem... não tenho pavor... estou tranquillo...
Vós me servis de amigo... em vós confio...
Um só favor vos peço; prometteis-me
De o fazer?

FREI GIL.

Ordenai-me, eu vos prometto.

ANTONIO JOSÉ (tirando do bolso uma boceta de ouro).

Meus bens devem ser todos confiscados,
 Vós o sabeis, não posso dispor d'elles;
 Mas escapou-me ainda uma boceta,
 Que eu trouxe do Brasil; foi um presente
 De minha mãe, quando eu deixei a Patria.
 Meu pai servio-se d'ella em sua vida.

(Dizendo isto, beija a boceta.)

Eil-a . . . inutil me foi nesta masmorra.
 Dai á Lucia, que a venda, ou que a conserve;
 A essa pobre Lucia, que nem mesmo
 Sei onde hoje estará.

FREI GIL.

Na eternidade.

ANTONIO JOSÉ (surpreso).

Lucia! . . . morréo? . . . coitada . . .

GREI GIL.

Poucos dias

Sobrevivêo á morte de sua Ama.

ANTONIO JOSÉ.

Pobre Lucia . . . Pois bem, ficai com ella;
 Si a recuzais, vendei-a, e dai esmolos

Aos pobres . . . Outra graça ousou pedir-vos :
 Vós ireis ver o Conde de Ericeira,
 Dizei-lhe que fui sempre seu amigo,
 E que antes de morrer me lembrei d'elle,
 E grato me mostrei aos seus favores.
 Em meu nome pedi-lhe que elle queime
 Alguns toscos, inúteis manuscriptos,
 Que em suas mãos deixei.

FREI GIL.

Oh Providencia!

Em nuncio de desgraças me convertes!

ANTONIO JOSÉ.

Que dizeis?..

FREI GIL.

Oh, Senhor, poupai-me ao menos
 Desta vez; não queirais saber o resto.

ANTONIO JOSÉ.

Que! . . . o Conde morrerá?.. Oh, por piedade
 Dizei, dizei que não . . . tranquillizai-me . . .

FREI GIL (com voz funebre).

Eu entoei o cantico dos mortos
 Na sua sepultura!

ANTONIO JOSE.

Oh! . . .

(E cai assentado sobre o cepo, mergulhado n'uma profunda dôr;
 depois de um momento de concentração, diz.)

Tabem elle! . . .

Morreram todos . . . Todos . . . E ainda vivo!

Eu tambem vou morrer . . . E n'um só dia

Tantos golpes recebo . . . e tantas mortes . . .

(Ouve-se o estrondo do ferrolho que corre, a porta de cima da escada se abre, descem alguns homens com brandões accesos, outros ficam nos degráos; um delles grita de cima.)

Antonio José! . .

FREI GIL.

Deos!

(Antonio José sem dar accordo do que se passa, fica immovel no mesmo logar: um homem que traz os vestuarios da pena de fogo* se aproxima, tira-lhe a cadeia, e o veste, sem que elle offereça a menor resistencia; depois de vestido, o puxam pelo braço para que marche; então elle como si saísse de um lethargo, examinando com os olhos o que se passa em torno de si, apalpando o corpo e a cabeça, exclama com uma especie de riso de desesperação.)

ANTONIO JOSÉ.

Oh! felizmente! . .

Vou saudar o meu dia derradeiro

De cima da fogueira . . . A dôr da morte

Não me fará tremer . . . Neste momento

Sinto todo o vigor da mocidade

Gyrrar em minhas veias . . . Deos ouviu-me,

E de minhas miserias condoêo-se! . .

Eu victima vou ser no altar de fogo,

E entre a fumaça de meu corpo em cinzas,

* Este vestuario consiste em uma carocha, ou mitra de papel pintado, e o sambenito; cujos desenhos se podem ver nas obras sobre a Inquisição.

Minha alma se erguerá como um aroma
Puro do sacrificio á Eternidade! . . .
Recebei-a, Senhor! — Eia, partamos!
Adeos, masmorra! oh mundo! adeos, oh sonho!

(Marcha intrepido, e sóbe as escadas; Frei Gil cobre a cabeça
com as mãos, e encosta-se á pilastra. Ouve-se o cantico funebre,
um rufo de tambores e pancadas de sino; desce o panno)

